Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Museologia, Conservação e Restauro
Curso de Bacharelado em Museologia

Trabalho de Conclusão de Curso

O olhar de três pesquisadores sobre a musealização da arqueologia em dois museus brasileiros: O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

Juliana Sabrine Braga Ulguim

Pelotas, 2015

Juliana Sabrine Braga Ulguim

O olhar de três pesquisadores sobre a musealização da arqueologia em dois museus brasileiros: O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luís Machado Sanches

Pelotas, 2015

Juliana Sabrine Braga Ulguim

O olhar de três pesquisadores sobre a musealização da arqueologia em dois museus brasileiros: O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Museologia no Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 02 de julho de 2015

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Pedro Luís Machado Sanches (Orientador)

_____

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Dedico este trabalho à meus amados pais. Sem eles eu não chegaria onde estou hoje e não conseguiria alcançar meus objetivos.

Agradecimentos

Só cheguei onde estou hoje, por causa da ajuda, paciência e incentivo que recebi durante minha vida até aqui e principalmente no período da graduação.

Agradeço imensamente ao meu orientador Prof.Dr. Pedro Luís Machado Sanches.

Agradeço ao Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro por aceitar participar da banca e aceitar ser entrevistado para essa pesquisa.

Agradeço também aos outros dois professores, Cláudio Baptista Carle e Jaime Mujica Sallés que aceitaram serem entrevistados para tornar esta pesquisa possível.

Agradeço aos meus pais, Georgina B. Ulguim e Viturino de A. Ulguim, por estarem sempre ao meu lado e a disposição quando precisei e preciso.

À minha irmã, Suzana Ulguim Gomes, por me apoiar sempre.

Ao meu namorado, Leandro Zurchimitten por toda atenção, carinho e compreensão.

Aos professores do Curso de Bacharelado em Museologia que fizeram parte da minha vida acadêmica.

Ás minhas colegas da turma 2011/2, que entraram nessa jornada comigo, as que ficaram e as que no meio se separaram por algum motivo e não puderam continuar conosco, seguindo outro caminho. Sempre me lembrarei dos momentos que passamos juntas. Tanto os bons quantos os ruins, afinal a vida é cheia de desafios, só precisamos vencê-los ou superá-los.

Á Profª. Drª. Carla Rodrigues Gastaud, por me dar a oportunidade de ser bolsista no projeto Museu e Espaço Cultural da Colônia Francesa de 2013 á 2014.

Á Profª. Drª. Lorena Almeida Gill, pelo período em que trabalhei primeiro como bolsista e depois como voluntária do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel de 2014 a 2015.

Á diretora do Museu do Doce da UFPel, Profª. Noris Mara Pacheco Martins Leal, e o supervisor Matheus Cruz, por me receber em meu período de estágio, neste Museu. Foi um período de grandes experiências.

Faz parte das nossas andanças
As mudanças que o tempo faz:
Se o mundo já nos olha menos,
Seguramente ele nos ouve mais.
(Compensação – Flora Figueiredo)

Resumo

ULGUIM, Juliana Sabrine Braga. **O olhar de três pesquisadores sobre a musealização da arqueologia em dois museus brasileiros:** O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 2015. 73p. Monografia. Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

Os acervos arqueológicos sempre estiveram presentes no universo museológico. Desde as primeiras coleções, passando pela criação dos museus de história natural, até hoje, com museus criados exclusivamente para a salvaguarda, pesquisa e extroversão desses acervos. O objetivo central desta pesquisa é analisar como se deu o processo da musealização da arqueologia a partir de dois exemplos: o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, e a partir do olhar de três pesquisadores com formações e perfis distintos. Eles foram entrevistados sobre suas trajetórias, e sobre como esses museus estiveram envolvidos em suas pesquisas em algum momento. Para tanto, abordamos mais os aspectos da musealização que envolvem a salvaguarda e o amparo a pesquisa científica.

Palavras-chave: acervos arqueológicos; Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville; pesquisadores em museus.

Lista de Tabelas

TABELA 1 Acervo arqueológico do Museu Nacional da UFRJ 38

Lista de Figuras

Figura 1 Museu Imperial e Nacional (atual Museu Nacional) no Campo de Santana 32

Figura 2 Antiga residência da Família Real Portuguesa, atual Museu Nacional da UFRJ 34

Figura 3 Primeiro pavimento do MN 36

Figura 4 Segundo pavimento do MN 37

Figura 5 Edifício do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville 43

Figura 6 objetos do acervo que foram degradados 44

Figura 7 Inundação de março de 2015 no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville 45

Lista de Abreviaturas e Siglas

MN – Museu Nacional.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MASJ – Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

ICOM – Comitê Internacional de Museus.

Sumário

Introdução 11

1Musealização da Arqueologia 16

1.1 Denominações, diversidade e caracterização 16

1.2 Desenvolvimentos e potencialidades 20

2 Objetos arqueológicos em dois museus brasileiros: Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville 30

2.1 Museu Nacional do Rio de Janeiro 30

2.2 Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville 39

2.3 Entrevista com pesquisadores sobre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville 45

2.3.1 Envolvimento dos entrevistados com o MN e com o MASJ 46

2.3.2 Documentação museológica no MN e no MASJ 49

2.3.3 As exposições no MN e no MASJ 49

2.3.4 Acesso à RT e amparo à pesquisa multidisciplinar no MN e no MASJ 52

2.3.5 Extroversão e envolvimento com o público no MN e no MASJ 54

Considerações Finais 56

Referências 57

Apêndices 62

Introdução

Primeiramente, o interesse por esta pesquisa surgiu quando eu estava cursando a disciplina de “Arqueologia e Acervos Museais”, no 6º semestre do curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal de Pelotas. Nesta disciplina estudamos os usos culturais dos objetos arqueológicos e como a arqueologia esteve presente dentro dos museus. Assunto que observamos desde o 1º semestre do curso, principalmente, a respeito da criação dos primeiros museus brasileiros, onde havia a requalificação de prédios antigos até a criação de espaços criados estritamente com a finalidade de se tornarem museus. Enfim, para a disciplina citada, no começo deste parágrafo, um dos meios de avaliação foi a escrita de um artigo, no qual, em meio às leituras, percebi como os museus de arqueologia e os objetos arqueológicos existentes em museus de outras tipologias não têm, por muitas vezes, a atenção desejada. Sendo assim, decidi fazer o artigo sobre este assunto. Fato que me inspirou para começar esta pesquisa sobre a musealização da arqueologia em dois museus brasileiros.

Os museus escolhidos foram: O Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Museus que trabalham com a arqueologia de maneiras diferentes. O primeiro um Museu de História Natural e o segundo como um Museu de arqueologia.

O Museu Nacional foi criado no ano de 1818 por D.João VI, sendo a mais antiga instituição científica do Brasil e o maior museu de história natural da América Latina. Atualmente, o Museu integra a estrutura acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Já o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) foi criado pela Lei Municipal nº 1.042/1969, para abrigar a coleção arqueológica - contendo mais de 12.000 peças do colecionador amador Guilherme Tiburtius[1] -, sua fundação data de 1972, e é um museu que tem como mantenedora a Fundação Cultural de Joinville.

---

[1]Segundo o Prof. Dr. João José Bigarella (TIBURTIUS, 1996, p. 11-12) Guilherme Tiburtius, nascido em Berlim a 17/10/1892, emigrou com os pais para o interior de Santa Catarina. Desde cedo passou a colecionar artefatos indígenas, interessando-se igualmente por objetos procedentes dos sambaquis. Nunca teve oportunidade de fazer um curso universitário. Entretanto, na sua atividade profissional de

A partir de dois exemplos relevantes, um dos objetivos secundários deste trabalho foi analisar como os museus brasileiros incorporaram a arqueologia ao longo do tempo, e também observar a aproximação com a Museologia.

O Comitê Internacional de Museus – ICOM[2] define Museu como uma "Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação" e também "deleite da sociedade".

Pesquisar museus é mostrar a sua importância e seus resultados, o impacto e o envolvimento que eles têm com a comunidade onde estão inseridos e, também, com a sociedade em geral. Com os museus de Arqueologia não é diferente.

Algumas pessoas têm uma imagem pré-concebida sobre o que são os museus de arqueologia e o que representam, não sabendo muitas vezes o quão importante a arqueologia pode ser no universo dos museus. Onde ela se insere como primeira tipologia da segunda maior categoria, a dos "Museus das Ciências Humanas". Em se tratando de exemplos no mundo, esta categoria só perde para a dos museus de Arte, se considerarmos a proposta de classificação hierárquica de George Henri Rivière, retomada recentemente na França, por Gob e Drouguet (2006, p.43):

> 1. *1.* ***Musées d'art***
> *a. Arts plastiques, graphiqueset appliqués*
> *b. Arts du spectacle*
> *c. Musiqueetdanse*
> *d. Littérature*
> *e. Arts de la photographieet du cinema*
> *f. Architecture*
> *2.* ***Musées des sciences de l'homme***
> *a. Histoire, y comprisl'archéologieet la préhistoire*
> *b. Ethnologie, antropologie, folklore*
> *c. Pédagogie*
> *d. Médecine, hygiéne*
> *e. Loisir*
> *3.* ***Muséesdessciences de lanature***
> *4.* ***Musées des sciences et des techniques.***

No Brasil, informações mapeadas indicam a existência de 3.025 museus, mas apenas 1.500 aderiram ao Cadastro Nacional de Museus. Ação que permite um

---

marceneiro, conseguiu, como autodidata, adquirir conhecimentos suficientes que lhe permitiram evoluir como pesquisador e colecionador.

[2]Definição aprovada em 06 de julho de 2001 pela 20ª Assembléia Geral em Barcelona, Espanha.

conhecimento maior por disponibilizar dados básicos diversos que, no conjunto, nos apresentam um panorama nacional importante sobre a atuação dos museus[3] (IBRAM apud CURY et al, 2012, p.17).

Neste sentido, essa pesquisa foi realizada através de uma análise comparativa do desenvolvimento e das características de dois museus brasileiros que salvaguardam acervos arqueológicos. Para isso, foi feito um criterioso levantamento bibliográfico sobre a musealização da arqueologia no Brasil, tendo como foco os dois museus escolhidos.

Comparando estes dois casos, além de apresentar seus históricos e suas características, foi possível fazer uma análise desses museus, como também, entrevistas com pesquisadores que já visitaram essas instituições, e vivem hoje em Pelotas. Entrevistas que buscaram o olhar do pesquisador e suas diferentes percepções em relação aos dois Museus. Desta forma, o roteiro dessas entrevistas foi preparado como uma conversa aberta sobre os dois museus estudados, tendo em vista três pontos: As estratégias e desenvolvimento que estes Museus têm com o público; Como são apresentados os objetos arqueológicos nas exposições; Em relação à documentação destes objetos.

No decorrer das entrevistas surgiram assuntos que a princípio não estavam previstos no roteiro. No entanto, decidimos que essas informações contribuíram para conhecermos melhor os dois museus que foram estudados.

Assim, optamos por escrever este trabalho em uma estrutura de 2 capítulos. No primeiro capítulo, discutiremos a trajetória da Musealização da Arqueologia, como ela começou e como vem se desenvolvendo desde a criação dos primeiros museus científicos no mundo e o século XIX no Brasil. Apresentamos conceitos de museu, musealização, museologia, arqueologia e museus de arqueologia, buscando mostrar a diversidade dos museus desta tipologia e dos museus que salvaguardam objetos arqueológicos, mas são classificados, por exemplo, como museus de história natural.

---

[3]Para o cadastramento dos museus, o formulário de base definiu tipologias buscando conhecer as coleções museológicas constitutivas dos acervos institucionais, quais seriam: Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som; Virtual; Bibliográfico; Documental e Arquivístico (IBRAM Apud CURY e VASCONCELLOS, 2012, p.17).

Observando o desenvolvimento de museus que apenas “têm” objetos arqueológicos em suas exposições, sem mostrar realmente seus usos, e a criação de museus que “protegem” esses objetos e existem para mostrar as suas potencialidades, o contexto em que estavam inseridos e, ainda, divulgar informações para as pessoas.

Assim sendo, outro objetivo secundário desta pesquisa é reconhecer a musealização da arqueologia como prática museológica recorrente, já que no Brasil “29,5% dos museus tem coleções de Antropologia e Etnografia, e 26,9% de Arqueologia” (IBRAM apud CURY et al, 2012, p.17), como também, caracterizar os museus arqueológicos no Brasil, identificando suas variações, seus desenvolvimentos, suas potencialidades e envolvimentos.

O segundo capítulo começa com o histórico e a investigação sobre a criação e o desenvolvimento do Museu Nacional do Rio de Janeiro e, igualmente, a respeito do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Neste capítulo, também, está a análise dos dados levantados sobre os respectivos Museus, através de entrevistas feitas com pesquisadores que moram hoje em Pelotas[4], mas que já foram a esses museus, seja apenas para visitar, ou por motivo de trabalho.

Foi escolhido para esta pesquisa trabalhar com três perfis acadêmicos diferentes. Afim de proporcionar distintos pontos de vista ao estudo e diferentes percepções acerca da maneira como esses museus salvaguardam acervos e amparam a pesquisa científica. Sendo assim, temos entre os pesquisadores, que foram entrevistados, o Museólogo Diego Lemos Ribeiro[5], o Arqueólogo Cláudio Baptista Carle[6] e o Biólogo Jaime Mujica Sallés[7].

---

[4]A escolha de entrevistar apenas pesquisadores que moram em Pelotas foi por ser mais fácil o acesso até eles.

[5]Nascido em 22 de outubro de 1979 no Rio de Janeiro possui graduação em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (2007) e doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (MAE-USP). Tem experiência na área de Museologia, com ênfase em Ciência da Informação e Arqueologia. Atualmente desenvolve trabalhos e orienta pesquisas na área de gestão e diagnóstico de museus, notadamente de acervos arqueológicos.(Texto retirado do currículo lattes do entrevistado: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4777865P4> Acessado em 01 de junho de 2015).

[6]Nasceu em Rosário do Sul no dia 3 de janeiro de 1965. É graduado em história, mestre em história ibero-americana (dissertação sobre arqueologia missioneira), doutor em História área de concentração em arqueologia (tese sobre quilombos arqueológicos), sou servidor público federal, professor do ensino superior. Coordenador do Bacharelado em Antropologia (Antropologia Social e Cultural e Arqueologia).

Diferentes autores, de diversas áreas, já pesquisaram ambos os Museus, gerando ao longo dos séculos XX e XXI muitas publicações. Fato que possibilita um estudo revisionista e crítico, mostrando que estes museus correspondem a momentos muito distintos da musealização da arqueologia, no Brasil.

Sendo assim, utilizamos trabalhos de pesquisadores que abordam a interface de duas áreas, Museologia e Arqueologia, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Neste sentido, podemos citar alguns nomes como: Maria Cristina Oliveira Bruno, Marília Xavier Cury, Pedro Paulo A. Funari, Diego Lemos Ribeiro e Lilia Schwarcz.

---

[7]É docente do Curso de Antropologia/Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tendo como linhas de Pesquisa: Conservação de Materiais Arqueológicos; Arqueologia de Campo de Batalha. Pesquisador do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica - LÂMINA. É Professor Permanente do Mestrado em Antropologia e Arqueologia da UFPel. Ministra as disciplinas de Conservação de Materiais Arqueológicos e de Gestão de Coleções Arqueológicas (informações retiradas do currículo lattes:<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4727527Z8> Acessado em 01 de junho de 2015).

1 Musealização da Arqueologia

Este primeiro capítulo apresenta um breve histórico da musealização da Arqueologia. Como ela vem se desenvolvendo desde o século XIX no Brasil, onde muitos naturalistas e colecionadores viajavam em busca de objetos raros e exóticos. Para tal abordagem é necessário também recapitular como esse processo de musealização foi ocorrendo também fora do Brasil. Além de uma abordagem desde a criação e posterior revitalização dos primeiros museus de história natural, onde estes objetos arqueológicos eram colocados em exposição; muitas vezes sem nenhuma informação associada. Procura também abordar a criação de Museus denominados de Arqueologia. Possibilitando sua salvaguarda e pesquisa, além de um olhar mais especifico para com esses objetos arqueológicos.

A criação de dois museus diferentes, um de história natural e outro de arqueologia, ambos responsáveis por acervos arqueológicos, será também estudada neste trabalho. No capítulo 2 esta questão será considerada mais a fundo.

1.1 Denominações, diversidade e caracterização

Para entender os processos de musealização que vêm acontecendo no Brasil desde o século XIX, e internacionalmente há mais tempo, é preciso primeiramente trazer alguns conceitos e denominações essenciais para essa pesquisa.

Segundo Michael Shanks e Christopher Tilley (1987 apud BRUNO 1999) a musealização “é a elaboração de um sistema estético para criar significados”. Ainda segundo estes autores a definição de musealização

> verticaliza outro aspecto da disciplina museológica: este universo epistemológico é norteado pela noção de preservação, é organizado pelas características inerentes ao gerenciamento e administração da memória, mas trata, especificamente, da consolidação de um fenômeno de comunicação. Este, por sua vez, diz respeito à elaboração de experimentos

> e a sua construção teórica tem uma dependência efetiva da experimentação prática. Desta forma, surge outra característica da Museologia: a sua identidade de disciplina aplicada que tem a potencialidade, também, de criar valores e significados (BRUNO, 1999, p.140-141).

Musealizar é ter um olhar sobre o objeto e também os processos de uma forma diferente, significa dinamizar, dar sentido, conservar e extroverter. Também é preservar o mesmo e as informações que estão contidas nele, ou que a ele estão associadas, os significados que ele vem adquirindo ao longo do tempo.

Maria Cristina Bruno (1999, p.141) destaca outra característica dos processos de musealização que diz respeito à sua própria engrenagem, trazendo uma reflexão da museóloga Waldisa Russio C. Guarnieri (1990, p. 8):

> Quando musealizamos objetos e artefatos (aqui incluídos os caminhos, as casas e as cidades, entre outros, e a paisagem com a qual o Homem se relaciona) com as preocupações de documentalidade e de fidelidade, procuramos passar informações à comunidade, ora, a informação pressupõe, **conhecimento** (emoção/razão), **registro** (sensação, imagem, idéia) e **memória** (sistematização de idéias e imagens e estabelecimento de ligações). É a partir dessa memória musealizada e recuperada que se encontra o registro e, daí, o conhecimento suscetível de informar a ação[8].

A museologia está ligada à "administração da memória" (MENESES, 1991apud BRUNO 1999, p.138)[9] e, neste sentido, deve-se reconhecer que este gerenciamento pressupõe um novo trabalho cultural e educacional, que atribui ao patrimônio novos usos e novas significações[10]. Se interessando "portanto, em administrar e conservar esta informação (e em organizar novas maneiras de informação), por meio da elaboração de discursos expositivos e estratégias pedagógicas" (BRUNO, 1999, p.140).

A museologia então trata e comunica (BRUNO, 1999, p.130) os elementos de uma herança patrimonial. Vestígios das sociedades que existiram ao longo dos tempos e as sociedades presentes, que correspondem ao interesse de estudo

---

[8] (Grifo da autora);

[9] Bruno citou em seu texto outro autor que também esta ligada a pesquisas relacionadas às áreas da museologia.

[10]Ainda segundo M. C. Bruno (1999, p.138) os museus estabelecidos tradicionalmente a partir de coleções, devem contar com profissionais aptos ao desempenho dessas tarefas, ou seja: compreender que o objeto é um suporte de informações e por isso ele deve ser preservado ao lado de outros meios de informação.

também da arqueologia. Área essa que estuda as sociedades “através de vestígios materiais por elas deixados tento em vista compreender os seus modos de vida”. Podendo ser “relativos a diferentes épocas, desde os tempos mais remotos, a partir do surgimento da espécie humana, até períodos próximos do presente” (CAMEIRO, 2008, p.14).

Tal definição se aproxima de muitas outras. Maria Dulce Gaspar (2009, p.40), por exemplo, define a arqueologia como a ciência que estuda as culturas a partir do seu aspecto material, construindo suas interpretações através da análise dos artefatos, seus arranjos espaciais e sua implantação na paisagem. M. D. Gaspar ainda retoma o conceito de cultura material, proposto pelo arqueólogo e historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (1983, p.112), a saber, o segmento do meio físico que é socialmente apropriado, o que não é aleatório, casual ou individual, mas que segue padrões sociais. Assim, esse conceito abrange artefatos, modificações da paisagem e o próprio corpo, na medida em que ele é passível de manipulação.

Dadas tais características, é possível comparar as atribuições da arqueologia com as da própria museologia, como fez a museóloga Maria Cristina Bruno (1999, p.129). Segundo ela, a arqueologia

> evidência facetas das sociedades, descobre peculiaridades de um passado às vezes esquecido e faz aflorar os indicadores da memória, mas não tem potencialidades efetivas de comunicar-se em larga escala com a sociedade presente. Já a Museologia se estrutura como a área de conhecimento específica para viabilizar essa comunicação, mas depende, evidentemente, da produção de conhecimento próprio às áreas que estudam os indicadores da memória, como é o caso da Arqueologia.

São os Museus de Arqueologia os pontos de encontro mais comuns entre museologia e arqueologia. Neles, é possível perceber que a musealização tem dois lados: o da salvaguarda e o da comunicação. Segundo o museólogo Diego Lemos Ribeiro (2012, p.53) é possível entender que a musealização

> configura-se como uma cadeia operatória que incorpora os procedimentos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposições, ações educativas e ação sociocultural), tendo as coleções como base desse processo. Por um lado, deve-se mencionar que os procedimentos de salvaguarda e comunicação são procedidos por outro componente fundamental: a aquisição. No caso dos Museus de

> Arqueologia, os processos de delimitação e incorporação dessas coleções são subsidiados, de maneira geral, pela arqueologia, seguidos de procedimentos técnicos, científicos e metodológicos específicos dessa área. Por outro lado, é conveniente esclarecer que existem diversas instituições museológicas que abrigam coleções que não foram fruto de coletas cientificas, como é o caso de museus que receberam, ou ainda recebem artefatos provenientes de coletas fortuitas.

Como já foi citada anteriormente na introdução, a definição de museu mais recente e conhecida pelo meio acadêmico e público em geral é a do ICOM[11]. Basicamente voltado para o Homem, "o Museu encontrar-se-ia a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, ficando explicada a sua importância no universo cultural das nações e sua característica quase que universal de entidade sem fins lucrativos" (SCHEINER apud TAMANINI, 1994, p.03-04).

A museóloga Maria Cristina Bruno (1999, p.350) afirma que sob a identidade de "Museu de Arqueologia" acumula-se

> nos dias de hoje, uma multiplicidade de características museológicas que indica um passado comprometido com aspectos relevantes da história dos museus, no que diz respeito à importância do colecionismo para estas instituições, como também, a evidente parceria com as diferentes fases das descobertas e da pesquisa arqueológica nestes últimos séculos.

Já o historiador Paulo Knauss (2002, p.130) relata que por meio da "discussão da lógica de exposição, é possível aproximar a história de museus e a história de coleções". Desse modo os museus podem ser

> identificados como lugares de construção e organização de coleções. Esta caracterização é válida sobretudo para os museus que se originam da tradição enciclopedista tributária do antiquarismo renascentista, como os museus de história e história natural. Nesta tradição, os museus afirmavam-se como espaço de pesquisa e pesquisadores, revelando sua qualidade de instrumento da formação e da construção do conhecimento. Seu correlato foi a construção de vastas coleções, muitas vezes consequência de expedições científicas ou missões de pesquisa, revelando objetos e peças para a salvaguarda patrimonial sob guarda de museus. O sentido enciclopédico aliava museu, coleção e conhecimento.

---

[11]Após uma analise meticulosa do Código do ICOM á luz da prática contemporânea de museus, uma versão revisada, foi publicada em 2001. A versão atual foi completamente reestruturada para refleti a imagem e o ponto de vista dos profissionais de museus, e está baseada nos princípios básicos da prática profissional, elaborados para fornecer uma orientação ética ampla.

A musealização de coleções arqueológicas nem sempre foi pública ou estava a serviço da sociedade. É preciso entender que as transformações foram acontecendo ao longo dos séculos e, para isso, é preciso relembrar alguns acontecimentos que contribuíram nessas transformações. Para a historiadora Elizabete Tamanini (1994, p.09) faz-se necessário recorrer à história desta instituição secular, especialmente aos museus europeus, cujo modelo estendeu-se pelo mundo.

Começando pela herança colecionista[12] que os museus herdaram. Essas "coleções estiveram ligadas à necessidade de o homem relacionar o visível do seu cotidiano ao invisível no tempo e no espaço" (POMIAN apud BRUNO, 1999, p.33).

A história da arqueologia reflete também a relação entre o papel do arqueólogo na sociedade e o que a sociedade espera, anseia e exige que o arqueólogo produza sobre o passado pesquisado (BARRETO, 1999-2000, p.34).

Vimos até agora conceitos importantes segundo museólogos, arqueólogos e outros pesquisadores de diversas áreas que trabalharam ou ainda o fazem, para o desenvolvimento dos museus.

A seguir mostraremos um panorama dos museus no mundo, que sempre tiveram a arqueologia inserida em seu âmbito. O surgimento dos museus no Brasil, seus desenvolvimentos ao longo dos anos, a diversidade existente e o museu como um ator social.

1.2 Desenvolvimentos e potencialidades

Ao longo do tempo a arqueologia foi adquirindo várias formas de representações e divisões[13], mas independente da linguagem usada a ela sempre

---

[12]Dentro deste universo do colecionismo existiam muitos tipos de colecionadores, principalmente no século XVI, alguns interessados em objetos curiosos, exóticos e raros, outros em objetos belos. Em toda a Europa, muitas destas coleções faziam parte dos chamados Gabinetes de Curiosidades que tinham como parte de suas características uma grande diversidade de objetos colecionados tentando representar o mundo em um pequeno espaço que eram até então de caráter privado, onde apenas uma parte da elite poderia obter visitas.

[13]"Normalmente distingue-se a "arqueologia dos Estados Unidos" da "Arqueologia Européia" ou arqueologia clássica (Velho Mundo) e arqueologia pré-histórica (Novo Mundo) (FUNARI, 2013, p.23).

esteve inserida no universo dos museus, desde a época dos gabinetes de curiosidades – quando aconteciam longas viagens em busca de objetos raros e diferentes, tirados de seu contexto para serem inseridos, junto a milhares de outras coisas dentro de gabinetes, desde a formação dos primeiros grandes museus - as coleções arqueológicas tiveram destaque.

Podemos apontar como exemplo o surgimento do Museum Ashmolean[14] na Inglaterra. Maria Cristina Bruno (1999, p.45) argumenta, "que a abertura desse museu em uma universidade indicou o prenúncio de duas características decisivas para a história destas instituições: museu como local público e museu como local de aprendizagem".

De modo geral herdamos dois tipos de museu arqueológico, sendo diferente muitas vezes pela localização, arquitetura, organização interna e o próprio conteúdo. Seguindo essa linha de pensamento Krzysztof Pomian, pesquisador mencionado por Maria Cristina Bruno (1999, p.56), aponta e "justifica a existência dos "museus arqueológico-artísticos" e os "museus arqueológico-tecnológicos". A museóloga ainda trás uma definição do que são esses museus:

> "Arqueológico-artísticos" são aqueles que expõem obras de arte e objetos preciosos que se impõem pela sua grandiosidade e, portanto, são apresentados isoladamente sem as respectivas referências de contexto. Objetos estes que, desde sua origem, foram criados como semióforos (estátuas, afrescos, relíquias etc.). Já os museus "arqueológicos-tecnológicos" preservam objetos que, antes de se transformarem em vestígios, foram resíduos (restos) de atividades humanas e sua inserção no universo do colecionismo e posteriormente dos museus traz uma nova realidade à questão museológica, ou seja: o tratamento museográfico de objetos despossuídos a *priori* de atributos estéticos (BRUNO, 1999, p.57)[15].

Esse modelo foi uma "divisão tipológica no âmbito da arqueologia, que conduziu estes museus por diferentes e, às vezes, inconciliáveis caminhos". Fazendo com que "estudar, preservar e comunicar coleções referentes à

---

[14]Onde a museóloga Maria Cristina Bruno (1999, p.44-45) com sua origem nas coleções de instrumentos científicos, objetos de Arqueologia e elementos de História Natural, de propriedade da família Trasdescant, este museu é criado em 1683 a partir da doação que Elias Ashmole – então proprietário da coleção- fez á Universidade de Oxford.

[15]Portanto, Maria Cristina Bruno explica que os museus arqueológicos vinculados à preservação do passado pré-histórico identificados como tecnológicos, inauguraram um novo tipo de instituição, ou em certos casos impuseram a constituição de outros departamentos dentro dos já consagrados museus.

Antiguidade obrigou as instituições e seus profissionais a procurarem parceria entre os historiadores, filósofos e filólogos". Enquanto que "as instituições que tratavam do período paleolítico e neolítico buscaram conforto intelectual entre etnólogos, geólogos, geógrafos, biólogos" (BRUNO, 1999, p.58).

Ao longo desse processo – de expedições -, no Brasil as "coleções de materiais foram sendo reunidas essencialmente por naturalistas estrangeiros". Iniciando assim uma preocupação voltada para a coleta de amostras e vestígios de culturas extintas ou em extinção que seriam segundo Lopes (apud BARRETO, 1999-2000, p.36) "enviados e preservados em museus europeus, e em seguida com uma preocupação mais científica em ordenar e classificar estes vestígios".

Foi a partir do século XVIII que as coleções adquiriram um caráter científico. Impulsionados pela era das descobertas o homem vai a campo com o intuito de obter, registrar, catalogar e classificar (TAMANINI, 1994, p.12-13).

É possível perceber que esta "empreitada iniciada nos últimos decênios do século XVIII demandava para uma melhor eficácia do templo da memória uma adaptação dos lugares para receber as coleções" (BANN apud SILVA, 2008, p.37). Naquele momento a maioria pertencia à realeza.

Sob as luzes do Iluminismo, os museus europeus, que não haviam sido criados nem organizados para amplos públicos, também foram atingidos pelos ideários de democracia que a burguesia empunhou durante a Revolução Francesa, e tiveram suas coleções reais transformadas em patrimônios nacionais (LOPES 1988 apud TAMANINI, 1994, p.13), passa-se da noção de Coleção à de Patrimônio[16], conhecida até hoje.

Internacionalmente, a "criação de museus se estenderá pelo resto do século XIX seguindo modelos diversos". Alguns se "basearão nos padrões do Peabody, focalizando preferencialmente a pré-história, a arqueologia e a etnologia;" E "outros, principalmente os da Europa Continental, se constituirão em museus de cultura nacional e popular[17]" (STOCKING JR. apud SCHWARCZ, 1989, p.34).

---

[16]Patrimônio como algo de todos.

[17]Aqui o que a Lilia K. M. Schwarcz (1989, p.34) quer dizer, é que esse "movimento realmente se ampliou a partir do século XIX, com a fundação de uma série de museus e sociedades antropológicas", como por exemplo, "com o National Museum, na Dinamarca em 1816, em 1836 com o Museu Etnográfico da Academia de Ciências de S. Petersburgo; em 1837, com o National Museum

Também neste tipo de musealização Maria Cristina Bruno (1999, p.70) escreve que “é possível reconhecer uma multiplicidade de formas, mas sempre em íntima relação com o local do desenvolvimento das pesquisas”. Lembrando que assim é possível afirmar que a Arqueologia “chegou a este final de século fortalecida nos museus e pelos museus. E os museus de Arqueologia são também identificados como museus de identidades, museus de sociedades e museus de civilizações” (BRUNO, 1999, p.82).

Partindo desta trajetória agora iremos ver como esse processo se deu no Brasil, que segundo a historiadora Lilian Schwarcz (1989, p. 30), a formação e a instalação de museus no Brasil “devem ser situadas no interior de um movimento maior ao qual Sturtevart (1985) deu o nome de A Era dos Museus”. Iniciando-se assim, em fins do século XIX e até meados da década de 1920, “o período de apogeu de um tipo de instituição que passou a cumprir papel cada vez mais relevante enquanto local de ensino e produção científica”.

Podemos acrescentar também, o fato de que nesta época o Brasil “já era alvo das coleções de instituições estrangeiras e o surgimento dos museus deste país coincida com a vinda de cientistas, como Carlos Frederico Hartt[18], Emílio Goeldi[19], Hermann Von Ihering[20] e outros” (ELIAS apud BRUNO 1999, p.90).

A historiadora Cristiana Nunes Galvão de Barros Barreto (1999-2000, p.35) relata que uma

> perspectiva mais propriamente arqueológica surgiu com os naturalistas viajantes da segunda metade do século XVIII e início do XIX. Mesmo antes da instalação da Corte portuguesa no Brasil e do decorrente incentivo à exploração mais sistemática do território brasileiro, o país já vinha sendo palco de inúmeras excursões, viagens e pesquisas de naturalistas estrangeiros, sobretudo franceses e alemães. Eram projetos não mais regidos pela curiosidade renascentista da era das descobertas, mas pela especulação científica iluminista do estudo da natureza de forma racional. Apesar da pouca especialização das áreas de saber (descrevia-se com igual amplitude a flora, a fauna, os nativos e a cultura material), eram projetos já marcados pelo crescente interesse europeu pela etnologia, e pelo reconhecimento do potencial informativo da cultura material. Além

---

of Ethnology, em Leiden; em 1866, com o Peabody Musem of Archaelogyand Ethnology), além de várias sociedades etnológicas criadas em Paris (1839), Nova York (1842) e Londres (1843)”.

[18]Carlos Frederico Hartt era um geólogo canadense.

[19]Emílio Augusto Goeldi foi naturalista e zoólogo.

[20] Era um naturalista alemão desenvolveu trabalhos pioneiros sobre a fauna, flora e passado brasileiros. Ele “poderia ser considerado como o primeiro ideólogo conservador da Arqueologia brasileira” (FUNARI, 1994, p.26).

> disso, as teorias formuladas sobre origem e antiguidade dessas populações se baseavam cada vez mais em evidências arqueológicas.

As três mais importantes instituições museológicas brasileiras fundadas no século XIX foram**:** o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Paulista em São Paulo e o Museu Paraense Emilio Goeldi, na região amazônica. Nascendo no contexto de uma forte tradição de pesquisa na área de História Natural. Podendo qualquer pesquisador que estivesse interessado em aprofundar os seus conhecimentos em Antropologia (especialmente nas áreas de arqueologia e etnologia) necessariamente recorrer a essas instituições. Mantendo assim nesses museus diversas coleções arqueológicas (VASCONCELLOS, 2012, p.132).

O historiador Jônatas Ferreira Lima (2010, p.03) descreve que o Museu Real foi criado no reinado de D. João VI e que tinha o objetivo de transformar a então colônia do Brasil em uma espécie de sede da monarquia. O Museu Paraense Emilio Goeldi - fundado por volta de 1870 no Pará - a partir do estudo da natureza amazônica, de sua flora e fauna, da constituição geológica, rochas e mineral, da geografia da imensa região, bem como assuntos correlatos com a história do Pará e da Amazônia. Já o Museu Paulista foi inaugurado em 1894 - pela da Lei nº 200, Decreto nº 249 de 26 de julho - que ainda segundo o autor citado, assumia um novo objetivo: estudar a história natural da América do Sul e em particular do Brasil, por meios científicos – mineralogia, botânica e zoologia.

O papel destes novos museus segundo a Cristiana Barreto (1999-2000, p.37-38) foi decisivo para o desenvolvimento da arqueologia no país,

> não só na forma como a pesquisa foi institucionalizada mas também ao definir os modelos científicos de produção de conhecimento. Neles, antes de mais nada, a arqueologia e a etnologia ganharam espaços próprios, apesar de secundários em relação à botânica, à zoologia, e à geologia, enfim, às “verdadeiras” ciências naturais. A ciência do homem era exercida mais como uma arte classificatória, na qual vestígios arqueológicos eram coletados e organizados enquanto ilustração material empírica da evolução humana[21].

[21]A autora ainda sinaliza que nesses três casos aqui destacados de institucionalização da arqueologia nos museus brasileiros, nota-se que é um processo que ocorreu à margem tanto das preocupações nacionalistas da nova República como dos ideais românticos de revalorização do passado nacional. Ao contrário, é um processo que acabou por oficializar o lugar da arqueologia dentro das ciências naturais, isolando-a como um conhecimento especializado, desligada da dinâmica histórica e social da época, e reservada a poucos especialistas, na sua maioria estrangeiros. As inspirações teóricas

Nessa época os museus começaram a contribuir “para difusão de uma história nacional que gradativamente foi se tornando acessível ao povo das cidades, bem como era um modelo de divulgação cientifica no país” (LIMA, 2010, p.06).

No período posterior a Primeira Guerra Mundial, “apenas o Museu Nacional conseguiu manter alguma atividade de pesquisa arqueológica. A falta de recursos para manter a efervescente produção científica do final do século anterior levou à dispersão de pesquisas em centros menores e autodidatas”. Marcando na “década de 1920 o final da era dos museus nacionais que abandonaram o seu modelo enciclopédico e projetos grandiosos, transformando-se em museus exclusivamente de ciências naturais” (SCHWARCZ, 1989).

A historiadora Cristiana Barreto (1999-2000, p.40) afirma ainda que o fim da chamada “era dos museus” foi marcado também

> por um novo olhar preservacionista. Foi com o modernismo que surgiu inicialmente a idéia de se preservar o passado e a cultura nacional não só levando-se objetos para dentro de museus, mas também através da proteção de um patrimônio materializado em uma diversidade de sítios, monumentos e edifícios.

Os museus foram as “instituições pioneiras no processo de sistematização das ciências no país. Enquanto órgãos de pesquisa antecederam em muitos anos o surgimento das primeiras universidades brasileiras” (TAMANINI1994, p.31). A criação da Universidade de São Paulo (USP), no inicio dos anos 30, foi consequência desta nova situação. O arqueólogo Pedro Paulo Funari (1994, p.26) argumenta que “como um efeito colateral, a Arqueologia começou a levar o público em consideração e tentou pela primeira vez levar a cabo uma análise taxonômica cientifica”.

De acordo com o também arqueólogo André Prous (1992, p.11), este período caracteriza-se pela atuação de grandes amadores, cujas vidas foram em boa parte dedicadas à arqueologia, e pelo despertar das instituições oficiais, que procuraram criar centros universitários de pesquisas arqueológicas, com a

---

refletiam mais a preocupação em acompanhar e participar dos debates internacionais do que implantação de uma nova área de estudo em território nacional (BARRETO, 1999-2000, p.39).

colaboração de profissionais estrangeiros, visando à formação de especialistas locais. André Prous ainda afirma que “dentre as personalidades, talvez seja, a de Guilherme Tiburtius, a mais marcante”. Que mais para frente seria a sua coleção particular comprada e que depois deu origem ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

Por sua criação, história e importância e apresentarem diferentes formas de musealizar a arqueologia analisaremos mais adiante no Capítulo 2 o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, juntamente com o Museu Nacional do Rio de Janeiro, que mesmo sendo um museu de história natural tem em seu acervo vários objetos arqueológicos adquiridos desde o começo do museu.

Os Museus de Arqueologia representam uma exceção, ao musealizarem, simultaneamente, os processos de trabalho e o objeto de estudo (BRUNO, 1999, p.71):

> Enquanto, em algumas regiões do mundo, os vestígios do passado que sobreviveram às investidas coloniais, às guerras e outras formas de espoliação entre os homens, têm sido reunidos e rearticulados em discursos expositivos nacionalistas; em outros locais, a relevância de áreas arqueológicas impõe a implantação de instituições museológicas. Em todos estes exemplos, transparece uma grande cumplicidade entre a apresentação dos bens patrimoniais que foram constituídos pelas sociedades extintas e a divulgação dos métodos e técnicas que são utilizados na pesquisa.

Ainda, a museóloga Maria Cristina Bruno que tem um longo histórico se tratando de pesquisas voltadas a musealização da arqueologia escreve em uma de suas publicações que para detalhar as questões brasileiras

> neste panorama histórico referente aos museus de Arqueologia, deve ser sublinhado que estas instituições têm singular importância num quadro geral da evolução e desenvolvimento dos museus. Além de terem sido permeadas pelas idéias de “conquista”, de “abandono” e de “mudanças”, legaram experiências que contribuíram para o aperfeiçoamento dos processos museais[22] (BRUNO, 1999, p.81).

[22] A museóloga Maria Crisitna Bruno em sua publicação a Musealização da Arqueologia uma história de conquistas, abandonos e mudanças escreve que em 1929 um levantamento elaborado por “Laurence Vail Coleman, e publicado pela American Association of Museum, apontou a existência de coleções arqueológicas apenas no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, no Museu Histórico Nacional e no Museu Nacional, ambos no Rio de Janeiro”. Ela ainda afirma que “esta

Na década de 30 as questões nacionais passaram a merecer atenção de muitos intelectuais, como por exemplo, Mário de Andrade, “criando assim diversas instituições museológicas, leis preservacionistas foram promulgadas e a formação profissional para a área de museus foi intensificada” (BRUNO, 1999, p.100). Com a criação de cursos para técnicos em museus, primeiramente.

Nos anos 1950, “novos Museus de Arqueologia foram sendo criados em algumas partes do país” (BRUNO, 1999, p.109). Constituídos principalmente pelas universidades. O envolvimento com o mundo universitário na opinião da Maria Cristina Bruno “revelou-se como mais um elemento que afastou os museus de Arqueologia para um espaço coadjuvante”:

> Na medida em que os arqueológos e etnólogos tornavam-se mais acadêmicos e tendiam às recém estabelecidas universidades, observamos o início do esvaziamento dos museus e o consequente desprestígio das coleções científicas. Essa guinada para as universidades ocorreu acompanhada por mudanças teóricas resultando na abertura de novas áreas de estudo, muitas vezes com maior visibilidade e status científicos (DE LA PENHA 1993 apud BRUNO, 1999, p.110).

A autora ainda ressalta, também, que existe outro lado desse processo. “Na medida em que os museus foram se tornando universitários, ficaram isolados do circuito federal ou estadual da política museológica brasileira” (BRUNO, 1999, p.112). Ocorreu nesse tempo a criação de museus próprios de arqueologia, tendo um olhar mais específico sobre os objetos arqueológicos assim como aconteceu que museus já existentes eliminaram por completo esses objetos, se livrando deles ou apenas os “esquecendo”, abandonando-os em suas reservas técnicas.

A museóloga e educadora de museu Marilia Xavier Cury (2006, p.2) específica que o objeto musealizado “é no museu ressignificado múltiplas vezes porque ele é como documento, analisado em sua materialidade, sua trajetória, e a

---

estarrecedora omissão de coleções arqueológicas, se por um lado, aponta para um olhar ainda naturalista para os bens arqueológicos, por outro lado, registra o papel de coadjuvante que as coleções referentes ao passado pré-colonial têm ocupado no cenário museológico nacional”. Argumentando que na “mesma época em que este relatório foi feito, incentivou-se a criação e proliferação dos museus históricos e, em seguida, dos museus de arte. Nestes museus, os acervos arqueológicos ou eram inexistentes ou ficaram deslocados”. Evidenciando que “muitos museus foram desmembrados e, neste processo, que impulsionou a saída das coleções de Ciências Naturais, outros tantos museus de Geologia, Botânica e Zoologia, foram criados” (BRUNO, 1999, p.101-102).

partir de questões contemporâneas que são também múltiplas, e ainda fragmentadas e mutantes". Ainda discorre que se contextualizar

> os objetos museológicos alcança sentido se, ao mesmo tempo, contextualizamos o tema e o assunto diante do cotidiano das pessoas. Não basta expor contextualizando a partir da origem e trajetória do artefato, e sim expor fazendo com que se estabeleçam vínculos entre culturas, entre grupos e entre pessoas de culturas diferentes, e isto só se dá na comunicação de sentidos. Somente com o estabelecimento de vínculos é que conseguiremos estabelecer uma relação dialógica entre exposição − e grupos culturais – e o receptor (CURY, 2006, p.3).

A partir dos anos 1980 é possível verificar-se uma "reaproximação entre os museus e as teorias antropológicas numa crítica às contingências históricas e sociais" (DUARTE apud VASCONCELLOS, 2012, p.131). Ou seja, "ocorre uma aproximação fundamental em explicar as sociedades e os seus objetos numa perspectiva histórica, temporal". Os museus passam assim a ser "valorizados como espaços de representação cultural e política dos vários grupos e categorias sociais existentes em seus acervos". O historiador Camilo de Mello Vasconcellos ainda concorda com Duarte (2007, p.13) quando ele afirma que o museu "é uma instituição cultural e suas práticas expositivas podem ser vistas como construções de histórias, como narrativas que longe de serem neutras são antes condicionadas pelos contextos político e ideológico em que estão inseridas". Marilia Xavier Cury (2006, p.2) concorda com os dois autores e observa também que o museu é

> uma instituição complexa porque lida com a preservação e com a comunicação do patrimônio cultural. Estas duas responsabilidades são constitutivas de sua natureza institucional: preserva-se para comunicar as relações sociais mediadas pelo objeto musealizado e comunica-se para preservar o patrimônio como vetor de conhecimento sobre essas relações.

Retomando um conceito apresentado acima, neste capítulo 1, sobre a concepção arqueológico - artístico mencionada pela Maria Cristina Bruno quando cita esta definição segundo Pomian. M. C. Bruno (1999, p.98) argumenta que

> no Brasil, até bem pouco tempo, a forma de apresentar isoladamente os objetos, destacando a sua raridade e opulência estética (concepção

> arqueológico-artístico) ficou consagrada. É possível, ainda hoje, constatar esta afirmação em alguns museus, sobretudo, no Museu Nacional.

No próximo capítulo, intitulado “Objetos arqueológicos em dois museus brasileiros: Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville” levaremos em conta esta abordagem publicada por M. C. Bruno no último ano do século XX. Ela é relevante para entendermos como as pesquisas arqueológicas vêm sendo desenvolvidas no Museu Nacional do Rio de Janeiro, até o presente.

Como podemos perceber neste capitulo 1, os objetos arqueológicos sempre estiveram inseridos no âmbito dos museus. Seja apenas por meio de apreciação, como nos antigos “gabinetes de curiosidades”, ou para fazer parte de abastadas coleções de colecionadores que viajavam pelo mundo, seja mais tarde para representar a história natural, através do olhar dos naturalistas.

Embora nem sempre se reconheça a museologia e a arqueologia sempre estiveram presentes, e muitas vezes juntas. Atualmente essas duas áreas estão trabalhando em conjunto em se tratando de acervos arqueológicos.

Relembrando que os objetos arqueológicos são “coleções de bens culturais portadores de valor histórico e artístico, procedentes de escavações, prospecções e achados arqueológicos. Ex: artefatos, monumentos, sambaquis etc.” (IBRAM, 2011 apud CURY, 2012, p.17).

Os conceitos apresentados foram importantes para o meu estudo porque minha pesquisa está centrada nos museus que têm objetos arqueológicos em suas reservas técnicas. Para poder construir esse pensamento foi importante principalmente fazer esse levantamento acerca do histórico sobre a musealização da arqueologia.

Escrever sobre a importância de revitalizar esses museus e colocar sempre um olhar mais critico nos objetos que estão em suas reservas técnicas. Para que seja possível expandir sempre os horizontes desses lugares de memória que abarcam histórias de civilizações antigas, mas também de agora. Procurando sempre inserir o presente nestes lugares. Reconhecer-se através dos museus, onde as pessoas se sintam sempre representadas de alguma maneira e de preferência sempre engajadas nos projetos presentes e futuros.

2 Objetos arqueológicos em dois museus brasileiros: Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

Neste capítulo o foco é analisar o uso dos objetos arqueológicos em dois museus brasileiros, fazendo um panorama mais especifico com base nos dois museus selecionados para essa pesquisa: o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

Primeiramente irei apresentar historicamente os dois museus escolhidos para aprofundar e fundamentar a pesquisa, além de, situar a criação destes museus em seus respectivos contextos. Em seguida, analisarei a trajetória deles, abarcando as ações e pesquisas, juntamente como os projetos de salvaguarda e exposição dos acervos existentes nas duas instituições.

Depois de fazer o histórico desses museus, serão apresentados os dados levantados através das entrevistas feitas com três pesquisadores que já estiveram nesses museus.

2.1 Museu Nacional do Rio de Janeiro

Como já foi mencionado no capítulo 1 intitulado “Musealização da Arqueologia”, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, antes denominado Museu Real e, posteriormente, Museu Imperial, foi criado no reinado de D. João VI em 06 de junho de 1818, onde o decreto[23] foi redigido pelo ministro Thomaz Antonio de Vilanova Portugal (SAFRA, 2007, p.12):

[23] O decreto de criação do Museu – pertencente ao acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional – o definiu como uma instituição científica, nos moldes dos museus e gabinetes portugueses de história natural, constituídos de laboratórios, museus, bibliotecas e arquivos especializados, que visavam a fomentar a prosperidade do reino por meio do conhecimento e do aproveitamento dos recursos naturais. A organização de um museu, segundo os parâmetros das Luzes, no contexto da Ilustração (ou Iluminismo), tinha o objetivo de organizar os dados da natureza, de modo a disponibilizá-los aos estudiosos (SAFRA, 2007, p.13).

> Cria um Museu nesta Corte, e manda que ele seja estabelecido em um prédio do Campo de Santana que manda comprar e incorporar aos próprios da Coroa. Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais do Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em beneficio do comércio, da indústria e das artes que muito desejo favorecer, como grandes mananciais de riqueza: Hei por bem que nesta Corte se estabeleça um Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, máquinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares; ficando tudo a cargo das pessoas que Eu para o futuro nomear. E sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de Santana ocupa o seu proprietário João Rodrigues Pereira de Almeida, reúne as proporções e cômodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietário voluntariamente se presta a vendê-la pela quantia de 32 contos de réis, por me fazer serviço: sou servido aceitar a referida oferta, e enviada ao Conselho da Coroa, se entregue pelo Real Erário com toda a brevidade ao sobredito João Rodrigues a mencionada importância de 32 contos de réis (SAFRA, 2007, p.12-13).

O Museu Real[24] foi erguido com o objetivo de "ser um compêndio para produtos naturais de todo mundo", nascendo "com o fito de tornar-se de caráter metropolitano e universal" (LOPES, 1995, p.46). Sendo o "mais antigo museu brasileiro e também a mais antiga instituição cientifica do País" (SAFRA, 2007, p.09).

A formação do seu acervo foi organizada por seu primeiro diretor, o "frei José da Costa Azevedo[25] (1818-1822), que se deu a principio pela transferência para a sua sede de instrumentos, máquinas e gabinetes dispersos em outras instituições[26]" (SAFRA, 2007, p.13). Entre os "primeiros acervos que constituíram o

---

[24] A criação desse museu no Brasil esta relacionado "primeiramente á medidas de modernização e de prestígio que o Príncipe Regente introduz no pais, como, por exemplo, a transferência, para o Brasil da Biblioteca Real (1810), hoje, Biblioteca Nacional. O segundo, é que ele constitui a sublimação do sonho da Casa dos Pássaros. O terceiro, é que ele resulta, também, de predileções e inclinações de pessoas da Casa Real. E o quarto, é que o Museu Real revela uma grande preocupação com o cientificismo da época, do qual reflete e resulta, uma nítida influencia inglesa, que nesse período, atravessa e domina Portugal e vem plantar-se no Brasil" (RUSSIO Apud TAMANINI, 1994, p.18-19).

[25] "O franciscano frei José da Costa Azevedo, que nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1763. Ele estudou nesta mesma cidade e completou os cursos de Teologia e Ciências naturais na Universidade de Coimbra, Portugal, especializando-se posteriormente em Mineralogia. Ingressou na Ordem Franciscana e foi lente em seu convento. Também foi o responsável na Academia Militar pelo gabinete Mineralógico e Físico. Tempos depois, D. João VI, através de um decerto de 6 de junho de 1818, criou a função de diretor do Museu, sendo exercida pelo frei. O prédio do Museu Real no campo de Sant' Anna recebeu os materiais de História Natural, armários, instrumentos e coleções mineralógicas, inclusive os remanescentes do acervo da Casa de História Natural, apelidada pelo povo de "Casa dos Pássaros". Frei José Batista da Costa faleceu em 7 de novembro de 1822" (MOREIRA, 2008, p.6).

[26] Antes do Museu Real, existiu a Casa de História Natural (popularmente conhecida como Casa dos Pássaros), que foi criada em 1784 pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa. Seus objetivos não eram tão específicos ou grandiosos quanto os do Museu Real, mas ela funcionou por mais de vinte anos, colecionando produtos naturais e objetos indígenas que eram enviados a Portugal, cumprindo uma função mais limitada, porém necessária, dentro do contexto de uma colônia. A Casa

Museu Real foram artefatos indígenas e produtos naturais que se encontravam espalhados por diversos estabelecimentos" (DANTAS, 2007, p. 82).

O prédio que o museu sediou antes do endereço atual era situado no Campo de Santana, atual Praça da Republica, que sofreu inúmeras reformas. Tendo suas exposições abertas mais tarde, em 1821.

Figura 1 Museu Imperial e Nacional (atual Museu Nacional) no Campo de Santana
Fonte: Acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ - FJ 0 DR 1080 032[27].

As "primeiras coleções do museu foram favorecidas pelos naturalistas estrangeiros que exploravam o território brasileiro em troca do apoio do Império ás expedições" (RIBEIRO, 2004, p.52). Além de coleções[28] vindas de todo o mundo,

---

dos Pássaros foi extinta em 1810 e seu acervo foi enviado à Academia Real Militar. (SOUZA, 2012, p.38)

[27] Figura retirada da dissertação de mestrado em Memória Social da autora Regina Maria Macedo Costa Dantas.

[28] A descrição da apresentação museológica do Museu Nacional segundo M. C. Bruno (1999, p.95-96) "no auge de sua atuação, revela aspectos que devem ser destacados. Em um primeiro momento, percebe-se que esta divisão dos sentidos e significados correspondia a uma ordem internacional, que separava e catalogava o universo então conhecido. Em um segundo momento, constata-se a inserção dos vestígios arqueológicos neste complexo mundo dos semióforos. É verdade que, nesta época, a Europa principiava as descobertas pré-históricas e os museus de Arqueologia, ainda estavam tentando entender a inserção desses vestígios em um painel cronológico, repleto de

trazidas pela própria monarquia. Recebendo também “doações da Amazônia, com vestígios dos sambaquis de Santa Catarina e São Paulo e materiais distintos oriundos de diversas regiões do país” (BRUNO, 1999, p.95). Com o objetivo explícito

> de incentivar os estudos de botânica e zoologia, mas longe ainda dos padrões científicos e museológicos europeus, foi também o local onde seriam depositadas as peças arqueológicas de proveniências diversas, na maioria coletadas por naturalistas, mas ainda tratadas como simples curiosidades (SCHWARCZ, 1989).

A criação do Museu Nacional, portanto, está estritamente relacionada à história do desenvolvimento da ciência e da pesquisa no nosso país. Hoje, o museu está localizado “no bairro de São Cristóvão, na antiga residência da Família Real Portuguesa (de 1808 a 1821) e da Família Imperial Brasileira (de 1822 a 1889), que foi transformada em sede do museu em 1892” (SOUZA, 2012, p.37) (Podemos ver o prédio na figura 1). A transferência do museu para o paço

> significou a união de valiosos bens e de importantes referências da história do Brasil. O palácio residencial dos monarcas, também sede da primeira Constituinte da República, além de representar um dos mais significativos monumentos arquitetônicos do século XIX, no País, passaria a sediar a mais importante instituição cientifica nacional da época, abrigando a partir de então em um mesmo especo a história política, a história das artes e a história das ciências no Brasil (SAFRA, 2007, p.21).

---

fragmentos de esculturas, vasos, afrescos e estelas funerárias da Antiguidade. É curioso observar, a partir desta descrição, que ainda hoje, esta apresentação - ou fragmentos dela - pode ser vista neste museu”.

Figura 2 Antiga residência da Família Real Portuguesa, atual Museu Nacional da UFRJ.
Fonte: Acervo UFRJ[29]

O Museu Nacional tem diversas publicações. Sendo que em "1922 foi "publicado o primeiro número da série Boletim do Museu Nacional, outra relevante iniciativa de divulgação cientifica" (SAFRA, 2007, p.29).

Quinze anos mais tarde, o SPHAN, criado em 1937, "foi a primeira agência estatizada para a proteção do patrimônio nacional". (...) A "sua criação levou à implementação de práticas de proteção vinculadas à administração federal, das quais o Museu Nacional participou de modo efetivo, sendo uma das instâncias de tombamento[30]" (DIAS, 2006, p.341).

Pelo "Decreto-Lei nº 8.689 em 16 de janeiro de 1946, o museu foi incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, então subordinada ao Ministério da Educação e Cultura, intensificando-se os trabalhos de pesquisa e as atividades acadêmicas[31]" (SAFRA, 2007, p.31). Como um museu universitário

---

[29] Figura retirada do site oficial do Museu Nacional: < http://www.museunacional.ufrj.br/ >

[30] O Paço de São Cristóvão fez parte do primeiro grupo de monumentos tombados em 1938, pelo Serviço de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN) ressaltando seu valor no contexto dos bens que representam a identidade nacional a ser preservada (SAFRA, 2007, p.30).

[31] O interessante acerca da vinculação do Museu Nacional à Universidade do Brasil é que ele passou a apresentar uma gestão *sui generis* em relação aos outros grandes museus brasileiros: instituições

> tem perfil acadêmico e cientifico. Suas exposições resultam da história da instituição e da excelência de suas atividades de pesquisa e ensino, cumprindo a finalidade precípua de produção e disseminação do conhecimento nas áreas de ciências naturais e antropológicas (SAFRA, 2007, p.37).

Se tratando das reformas as quais o museu passou ao longo de sua existência. Uma delas data de outubro de 1941, quando

> teve inicio uma série de obras para reforma e recuperação de salas do Paço de São Cristóvão, que só veio a ser concluída na década de 1950. Durante este longo período, as exposições do Museu foram remodeladas a partir de um novo e mais moderno conceito teórico e museográfico. No lugar de um grande número de peças expostas de modo pouco didático, prepararam-se novas exposições, com uma linguagem mais compreensiva e atraente, reunindo conjuntos de peças representativas de áreas temáticas, regionais e temporais. Essa nova concepção e montagem das exposições foi reflexo da criação de uma nova especialidade cientifica: a museologia (SAFRA, 2007, p.31).

Foi em 1947 que reinauguraram “as salas de Arqueologia e de Etnografia e em 1948 a primeira coleção do Museu, a Coleção Arqueológica Balbino Freitas, de conchas e material lítico provenientes dos sambaquis do litoral sul, foi tombada pelo IPHAN” (SAFRA, 2007, p.31).

No mais, Abrahão Silva (2008, p.45) argumenta que “com efeito até 1950 além das informações deste museu pouco foi acrescentado ao que já se conhecia antes de 1914, em termos de arqueologia brasileira”. Se tratando dos objetos arqueológicos “nos dias atuais, o organograma da Instituição, a arqueologia e a etnologia fazem parte do Departamento de Antropologia, apesar de possuírem reservas técnicas distintas” (RIBEIRO, 2004, p.52).

O MN também abriga “programas de pós-graduação da UFRJ e desenvolve pesquisas nas áreas de Geologia, Paleontologia, Zoologia, Botânica, Antropologia e Arqueologia” (SOUZA, 2012, p.37).

---

como o Museu Nacional de Belas-Artes e o Museu Histórico Nacional, também localizados no Rio de Janeiro, eram vinculadas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (e hoje, se encontram sob gestão do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM) e ao seu Ministério correspondente: o Ministério da Cultura/Minc (SOUZA, 2012, p.39).

O inicio das coleções arqueológicas do Museu Nacional da UFRJ começou praticamente junto ao do museu “e seu crescimento ocorre ainda hoje, graças aos estudos e trabalhos de campo dos pesquisadores de Arqueologia da Universidade” (SOUZA, 2012, p.41). Hoje o que se encontra exposição é apenas uma parcela do acervo da Instituição.

Podemos ver nas Figuras 3 e 4 um mapa das exposições que estão tanto no 1º pavimento quanto no 2º. O que permite uma visão mais geral das exposições existentes no MN/UFRJ.

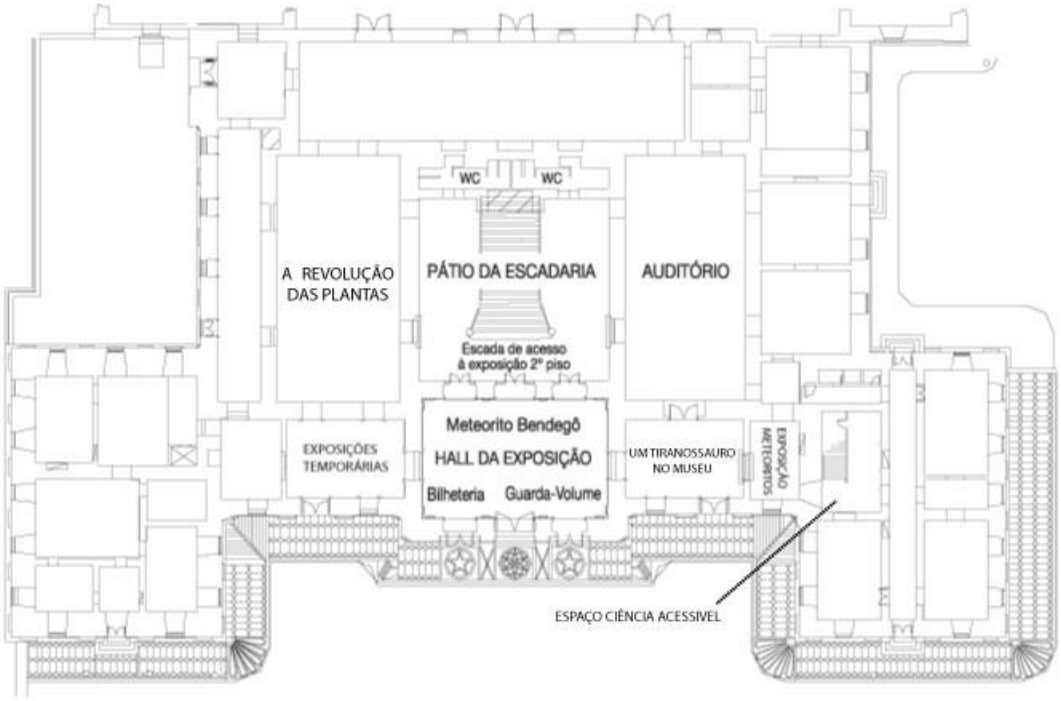

Figura 3 Primeiro pavimento do MN
Fonte: Acervo da UFRJ

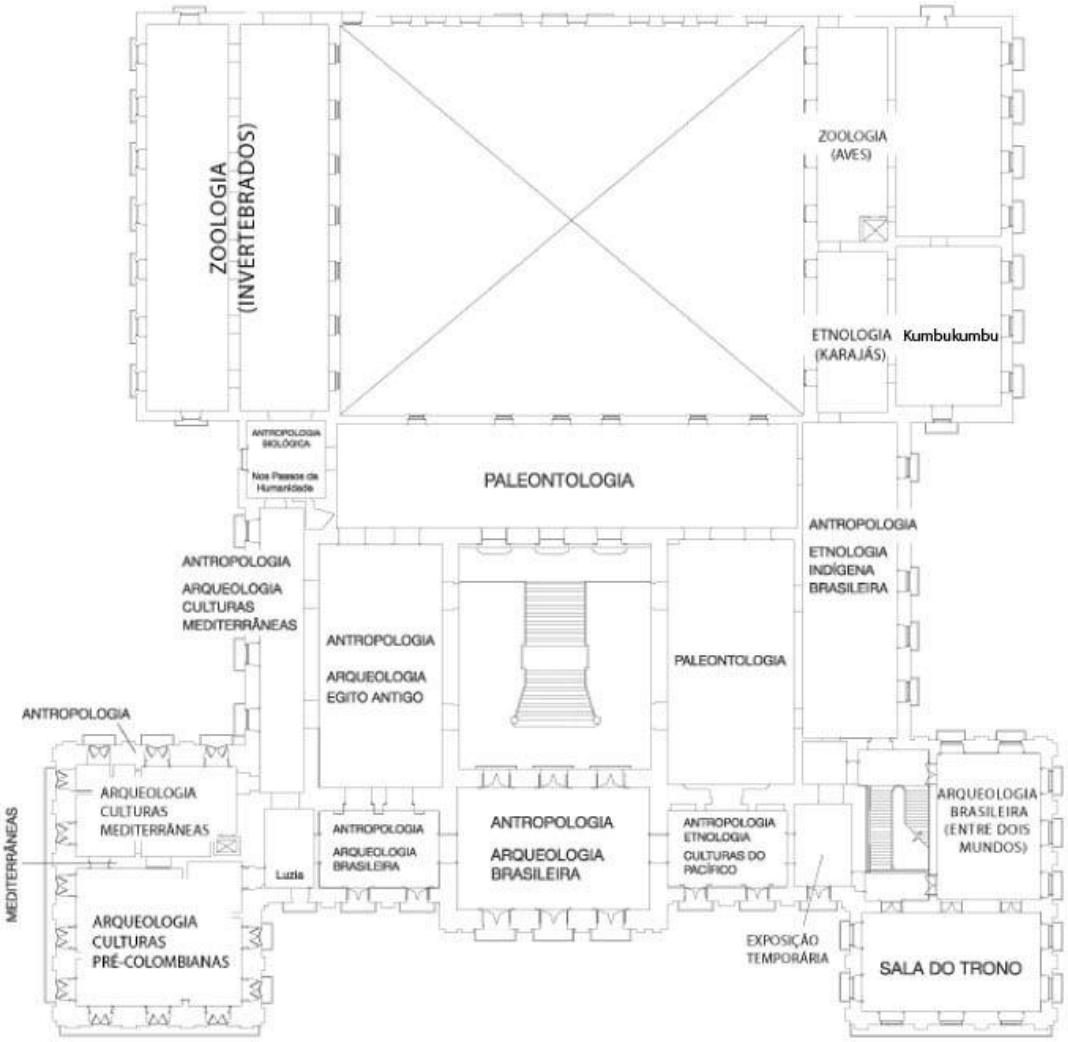

Figura 4 Segundo pavimento do MN
Fonte: Acervo da UFRJ

Segundo pesquisas feitas pela Historiadora Helena Vieira Leitão de Souza (2012, p.41-42), as coleções arqueológicas do Museu Nacional são apresentadas

> em sua exposição permanente através dos seguintes módulos: Egito Antigo (o maior acervo egípcio da América Latina, sendo a maioria dos objetos adquiridos em leilão pelo Imperador D. Pedro I, que os doou ao Museu), Culturas do Mediterrâneo (Coleção Greco-romana da Imperatriz Teresa Cristina, abrigando peças provenientes de escavações nas cidades de Herculano e Pompéia, e que passaram para a guarda do Museu em 1889), Arqueologia Pré-Colombiana (grande e variado acervo de diversas culturas das Américas) e Arqueologia Brasileira.

A seguir, na Tabela 1, é possível ter uma base do acervo arqueológico do Museu Nacional que esta em exposição no momento. Os dados foram retirados do próprio site da Instituição, onde são identificadas as coleções existentes e também são apresentadas fotos de cada objeto e a descrição dos mesmos. A tabela aponta apenas as coleções e as subcoleções existentes, para uma análise inicial.

TABELA 1 - Acervo arqueológico do Museu Nacional da UFRJ

Exposições de arqueologia				
Coleção				
	Egito antigo	Culturas do mediterrâneo	Arqueologia Pré-colombiana	Arqueologia brasileira
Subcoleção	Múmias e sarcófagos		Cultura Moche	Sambaquis
	Estatuetas e outros artefatos		Cultura Chimu	Outras culturas
	Estelas funerárias		Cultura Chancay	Cultura Marajoara
			Cultura Lambayeque	Cultura Santarém
			Cultura Inca	Cultura Konduri
			Múmias	Rio Trombetas
				Cultura Maracá

Foi possível até aqui apresentar a criação do primeiro museu do Brasil, sendo ele de história natural. Perceber como esse museu ajudou na transformação das ciências no país, na pesquisa e salvaguarda de coleções, entre elas muitas coleções arqueológicas não só do Brasil, mas de várias partes do mundo.

Mais adiante no ponto 2.3 “Entrevista com pesquisadores sobre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville” serão abordadas as entrevistas realizadas com os pesquisadores de museus e poderemos analisar a visão de cada pesquisador sobre o Museu Nacional e sobre o acervo arqueológico que o museu possui.

2.2 Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville[32] (MASJ) foi criado pela Lei Municipal nº 1.042 em 1969, “depois da compra da coleção arqueológica pertencente ao arqueólogo amador Guilherme Tiburtius em 1963” (TREVIZAN & SIMÃO, 2007, p.200). Guilherme Tiburtius nasceu em Berlim em 1892 e se radicou no Brasil em 1910. Ele “preocupou-se em colecionar peças arqueológicas retiradas, principalmente, de sambaquis do Estado de Santa Catarina, muitos dos quais ele mesmo pesquisou”, registrando sempre “detalhes dessas pesquisas criteriosamente em várias publicações e manuscritos”. (BRUNO et al, 1991, p.113).

Em um trecho do livro “Arquivos de Guilherme Tiburtius I” (TIBURTIUS, 1996, p. 15), o arqueólogo amador afirma

> que a coleção foi sendo constituída unicamente por escavações e coletas pessoais, sem ajuda financeira de terceiros, e por meus próprios meios. Muitas vezes foi difícil conseguir dinheiro. Nos primeiros anos, até o inicio da Guerra pude contar com o lucro de minha próspera fábrica. De tempos em tempos, quando estava em casa, esculpia figuras em madeiras brasileiras e conseguia vende-las bem.

[32] O edifício é situado na rua Dona Francisca, 600 – Centro, Joinville/SC (Informações do site oficial do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: < http://museusambaqui.blogspot.com.br/ >).

A criação desta Instituição teve como objetivo principal “salvaguardar o patrimônio Arqueológico da região de Joinville” (TAMANINI, 2003, p.82). Sendo que, “ao longo de aproximadamente três décadas, tem experimentado diversas maneiras de atuar como instituição cientifica pautada nos princípios da Museologia contemporânea” (TAMANINI, 2003, p.82).

A construção e instalação do museu foram “resultados de um convênio entre os governos federal e municipal, ao encontro da política do IPHAN, que visava uma defesa do patrimônio móvel, ameaçado pela desinformação geral” (SANTOS, 2014, p.228).

Em 1972, “com a inauguração do prédio, concebido pelo arquiteto Sabino Barroso e pelo museólogo Alfredo Rusins”, o “MASJ[33] passou a ter a guarda permanente de materiais arqueológicos da região, que são propriedade da União”. Seu “prédio contém salas para exposições, laboratórios, reserva-técnica, auditório, biblioteca e salas administrativas[34]” (TREVIZAN & SIMÃO, 2007, p. 200).

A museóloga M. C. Bruno (1999, p.126) argumenta que a criação do Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville, pode ser apontada como “a melhor expressão da musealização da Arqueologia regional”. Como um museu monográfico, “ele tem procurado atuar em três frentes: pesquisa, preservação e comunicação. Este museu sempre estimulou a sua vocação comunitária e educacional”.

A região “Nordeste de Santa Catarina é marcada, arqueologicamente, pela existência abundante de sítios arqueológicos de tipologia sambaqui” (SANTOS, 2014, p.228). O MASJ atua como “órgão centralizador na defesa deste patrimônio desde sua criação[35]” (SANTOS, 2014, p.228). Mesmo não sendo o foco desta

---

[33] A composição de quadro de pessoal técnico, a criação e instalação do conselho técnico-científico, a aprovação de plano diretor e o estabelecimento de programas institucionais, assim como o investimento em pesquisas, salvaguarda e comunicação museológica dos acervos, através de parcerias ou não, são medidas que fundamentam e direcionam a estrutura funcional do museu. Todas essas ações são possibilitadas devido ao apoio da Fundação Cultural de Joinville (SANTOS, 2014, p.230).

[34] Com isso, “o MASJ possui espaços bem definidos às necessidades de um museu, com distribuições operacionais orientadas segundo conceitos museológicos que permitem atender adequadamente a relação administração/acervo/usuário” (SANTOS, 2014, p.229).

[35] “Procedente do litoral norte do estado de Santa Catarina e Sul do Paraná o maior percentual do acervo é proveniente de sítios arqueológicos de tipo sambaqui e constitui-se em importante material remanescente de populações pré-coloniais, cuja economia de subsistência baseava-se principalmente na exploração de recursos flúvio-lagunares e marinhos” (SANTOS, 2014, p.231).

pesquisa é preciso elencar aqui a existência de diversas Leis tanto brasileiras quanto internacionais que protegem o patrimônio arqueológico.

A pesquisadora Maria Dulce Gaspar (2009, p.41) que estudou sambaquis no Rio de Janeiro e em Santa Catarina, define Sambaqui

> como uma palavra de etimologia Tupi, língua falada pelos horticultores e ceramistas que ocupavam parte significativa da América do Sul e estavam na costa brasileira quando os europeus iniciaram a colonização. Tamba significa conchas e ki amontoado, que são as características mais marcantes desse tipo de sítio. Trata-se de denominação amplamente utilizada pelos pesquisadores e que denota a capacidade de observação e síntese dos falantes Tupi.

Os Sítios arqueológicos "são classificados de acordo com a natureza dos vestígios neles encontrados". Em contextos pré-coloniais de maneira geral, "a classificação do sitio arqueológico segue a tipologia: Sitio lítico; Sitio cerâmico; Sitio lito-cerâmico e Sitio Sambaqui[36]". (CAMEIRO, 2008, p.14). Em geral, os sítios tipo Sambaqui "exibem uma sucessão estratigráfica de composição diferenciada": apresentando "camadas de conchas mais ou menos espessas intercaladas por numerosos estratos finos e escuros, ricos em materiais orgânicos, com muitas estruturas distribuídas em áreas específicas[37]" (DE BLASSIS et al, 2007, p. 30).

---

[36] São "montículos artificiais constituídos basicamente de conchas, ossos de peixes e de mamíferos e sepultamentos. Esses "monos" podem ser encontrados nos litorais da Bahia, de Alagoas, do Piauí, do Maranhão, do Pará e das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Além dos localizados nas regiões costeiras, próximo ao mar e nas áreas de mangue, há também os sambaquis fluviais, próximos aos rios. Foram constituídos pelos homens do passado e indicam possíveis funções relacionadas ao modo de vida desses grupos, como demarcação de territórios e locais cerimoniais. Os povos construtores dessas edificações tinham seu modo de vida baseado na caça, pesca e coleta de alimentos" (CAMEIRO, 2008, p.14).

[37] O cerne da sociedade sambaquieira parece ter sido garantir a preservação dos corpos, já que para os mortos foram criados locais especiais que se destacam na paisagem e se distinguem de todos os outros. Os sambaquieiros escolheram, para construir os cemitérios, material que assegurasse a preservação dos seus mortos. Com o acúmulo de conchas, criaram uma interferência no ambiente que neutralizou a acidez típica do solo brasileiro e há indícios de que eles controlavam os processos após a morte. Covas eram revisitadas, ossos eram manipulados, retirados de outros locais para integrar um novo ritual funerário, e eram também marcados e pintados. Esse mesmo cuidado com os corpos levou à construção de cercas no entorno das covas, sendo a profundidade e a espessura das estacas um impedimento à ação de animais carniceiros, resultando na preservação de esqueletos em posição anatômica (GASPAR, 2009, p.44-45).

Elizabete Tamanini (1994, p. 146) afirma que a principal novidade inserida pelo MASJ, na década de setenta, foi a “criação do serviço educativo[38], vindo a ser uma das atividades suportes para esta Instituição”.

O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville “enquanto comunicador de conhecimentos produzidos, realiza atividades que envolvem a comunicação museológica através de métodos e práticas da educação patrimonial, dinamizando o espaço que ocupa”, interagindo “e tornando-se reconhecido pela sociedade” (SANTOS, 2014, p.230).

Através de seus projetos pedagógicos[39], “vem contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos através da construção de novos conhecimentos”. Nesse sentido, “os objetos do museu contribuem para a valorização do patrimônio histórico cultural, bem como para a construção da noção de temporalidade” (TREVIZAN & SIMÃO, 2007, p.192).

O MASJ tem em seus acervos aproximadamente “45.000 peças arqueológicas, etnográficas e iconográficas, resultantes de pesquisas, doações e aquisições, que são freqüentemente procurados por pesquisadores do Brasil e do exterior” (SANTOS, 2014, p.231).

Com o apoio de técnicos do IPHAN,

> a construção do MASJ é uma das raras no país projetada e edificada com a finalidade de ser um museu de arqueologia. Tem característica arquitetônica própria da década de 70. A equipe de engenheiros, arquiteto e museólogo conseguiram planejar e construir espaços específicos, como salas para exposições de longa duração, para exposições temporárias, auditório para atendimento educativo, laboratórios para curadoria de acervos, reserva-

[38] Na primeira fase dos Projetos Educativos do MASJ, Tamanini (1994, p. 147) afirma que “havia a preocupação de utilizar a exposição como suporte museográfico para, a complementação dos conceitos utilizados anterior a visita.” É importante destacar também que, no início, era complicada a interação do Museu com as instituições educacionais, pois as escolas vinham espontaneamente, sem avisar anteriormente à equipe do Museu, de forma que em um mesmo dia eram atendidas várias turmas, que acabavam participando apenas da apresentação da Exposição; “fator relacionado à própria política educacional que não prioriza a formação e o desenvolvimento efetivo e integral do indivíduo, como também a desinformação a respeito das possibilidades culturais e educativas de um Museu.” No entanto, nesta fase, como o Museu necessitava dessas visitas para justificar a sua existência, não se comprometeu com as transformações da estrutura Educacional, já que era considerado mais importante para este tipo de trabalho o número de alunos e não a qualidade da relação estabelecida entre o estudante e o Museu.

[39] Os Projetos Pedagógicos são sempre atualizados para atender as necessidades da comunidade, dos educadores e dos alunos. Este é um importante trabalho para que haja um maior conhecimento dos povos sambaquianos e também para divulgar a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural. (TREVIZAN & SIMÃO, 2007, p.208).

> técnica, que na época denominava-se depósito, e até mesmo um apartamento para abrigar pesquisadores, que na década de 80 foi muito utilizado (SANTOS, 2014, p.229).

Figura 5 Edifício do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville
Fonte: https://www.flickr.com/photos/janoliviere/sets/72157622867552833/

Em relação aos problemas que o museu enfrenta com o prédio, a arquiteta Marina Byrro Ribeiro (2011, p.150) argumenta que

> quando o edifício que abriga uma instituição museológica não funciona bem, o funcionamento do museu estará também comprometido. Essa relação de funcionalidade não se restringe apenas à aspectos organizacionais, de distribuição e fluxo, mas principalmente em relação ao edifício como um todo.

Devido à área em que o museu foi construído ele passa hoje por uma série de dificuldades, tendo um histórico de enchentes ao longo dos anos que causou a destruição de uma parte do acervo do museu. A enchente mais recente que causou danos ao Museu aconteceu em março deste ano (2015), prolongado o fechamento

temporário do museu para visitantes e o acesso dos pesquisadores por alguns meses[40]. Nas Figuras 6 e 7 é possível ter uma dimensão dos estragos no Museu.

Figura 6 objetos do acervo que foram degradados
Fonte: Acervo do MASJ[41]

[40] A edificação sede do MASJ que já apresentava sérios problemas de salubridade, segurança e superlotação, foi interditada pela Vigilância Sanitária em 2012, com esta enchente teve essas condições pioradas. Desde aquela época, várias alternativas foram apresentadas na tentativa de solucionar tanto os problemas que ameaçam a salvaguarda do acervo quanto garantir um ambiente de trabalho mais adequado aos servidores e ao público visitante (Informações do site oficial do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: < http://museusambaqui.blogspot.com.br/ >).

[41] (Figura do site oficial do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: < http://museusambaqui.blogspot.com.br/ >).

Figura 7 Inundação de março de 2015 no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville
Fonte: Acervo do MASJ

O que não impede que ao longo dos anos, o esforço institucional sempre foi "direcionado para a busca do reconhecimento do MASJ como centro de referência regional nas áreas de pesquisa, preservação e comunicação do patrimônio arqueológico" (SANTOS, 2014, p.230).

2.3 Entrevista com pesquisadores sobre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

A intenção de usar o método da entrevista foi a de querer ouvir sobre a experiência dos pesquisadores que estiveram nesses dois museus. Como já foi mencionado na introdução deste trabalho o roteiro foi preparado como uma conversa aberta, tendo em vista três pontos chaves: As estratégias de envolvimento

que esses museus têm com o público; Como são apresentados os objetos arqueológicos nas exposições e por último, mas não menos importante a relação da documentação com estes objetos.

2.3.1 Envolvimento dos entrevistados com o MN e com o MASJ

Em relação ao envolvimento desses pesquisadores com o Museu Nacional da UFRJ, cada um foi a esse museu por motivos diferente. Na entrevista com o museólogo Diego Lemos Ribeiro, vemos que seu envolvimento se deu através de um estágio:

> No Museu Nacional, eu comecei a trabalhar como estagiário, foi meu segundo estágio. [...] Fui pro Museu Nacional em 2001, eu fui trabalhar na reserva técnica com a Ângela, e a reserva técica ainda tinha o nome de deposito, ainda não tinha esse nome mais especifico de RT, era o deposito de uma arqueóloga que já tinha se aposentado, mas participou do Museu por muitos e muitos anos. Lá eu tinha mais acesso mesmo ao processamento do acervo, documentação, uma documentação museológica em realidade, higienização e organização. [...] Depois dessa experiência na reserva técnica, eu participei junto com uma equipe relativamente grande capitaneado pela Tânia Andrade Lima, da reformulação do deposito e ai sim ela se transformou numa reserva técnica formalmente [...]. Depois desse processo, eu participei de um projeto de restauração de tecidos pré-colombianos, isso já no laboratório e eu já tinha me formado. Era como se fosse um contrato temporário e lá fiquei mais uns dois anos [...].

O biólogo Jaime Mujica Sallés explica:

> [...] no museu [Nacional] já tem muito tempo que eu fui lá, não lembro muita coisa.

E relata a sua visita:

> Quando eu fiz a visita ao Museu Nacional, foi para estudar uma coleção botânica no herbário que eles têm, não foi para ver a parte arqueológica. Eu vi sim a parte de vitrines e exposições e me pareceu bastante fraca. Bastante fraca e nada dinâmica, muito estática. [Vi] muitas coisas fora de contexto também. O que chama a atenção no Museu Nacional é que tem grandes nomes e personagens de renome. Por outro lado, a parte expositiva do museu [estava] parcialmente abandonado, e não sei agora, passados alguns anos pode ter melhorado.

Em relação à sua visita ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville o biólogo Jaime Mujica Sallés relata:

> [...] Fui no ano passado ao museu de Joinville. [...] No ano passado, o congresso da SAB-SUL [...] que foi na cidade de Joinville. Neste congresso nós tínhamos uma mesa redonda com o professor Diego Ribeiro sobre o link entre a conservação, a arqueologia e a musealização. Então, aproveitamos para fazer uma visita com os alunos ao museu com a intenção de conhecer tanto a estratégia positiva, como as atividades de conservação preventiva e curativa que eles vêm desenvolvendo. Aí fizemos a visita, vimos os materiais nas vitrines, os materiais que tinham em exposição, como era a dinâmica de extroversão, e esta me pareceu muito interessante. Agora quanto à parte de conservação, o problema é que não tivemos acesso à reserva técnica. O motivo era que estava em processo de higienização.

Para concluir, sobre a visita ao MASJ, o biólogo Jaime Mujica Sallés afirma:

> gostamos do lugar, gostamos do trabalho que vêm desenvolvendo com a comunidade. Só que ficou pendente foi a parte da curadoria das coleções existentes.

O envolvimento que o Diego Lemos Ribeiro teve com o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville foi por um motivo diferente do primeiro museu:

> [No Museu de] Sambaqui de Joinville eu não cheguei propriamente a trabalhar, eu fiz uma pesquisa, [...] fui aplicar um modelo de diagnóstico. Fiz basicamente três visitas técnicas, uma semana para cada visita. Lá eu Tive acesso aos bastidores do museu, hoje eu faço parte do conselho técnico cientifico, mas o meu envolvimento é mais de fora do que de dentro, não é como uma pessoa que trabalha lá. De tudo o que observei, a minha impressão é que há uma equipe muito abnegada e, apesar de todos os percalços, eles seguem trabalhando firme por lá, porque a prefeitura não abraça o museu, e como é um museu vinculado á prefeitura, depende muito dos ares políticos. Se o ar político estiver bom, o museu se beneficia, se estiver ruim, [como] é o caso agora, o museu é que sofre [...].

O arqueólogo Cláudio Baptista Carle começou explicando a relação do Guilherme Tiburtius e sua coleção com a criação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville:

> [...] A maior coleção que eles têm lá [é a de Guilherme Tiburtius]. O Tiburtius era um Arqueólogo amador que acompanhava o processo de extração das conchas dos Sambaquis pra produção de cal no início do século XX. Ele foi quem realmente criou boa parte da coleção do museu [...]. Todas as

> ossadas estiveram um tempo se deslocando e se desestruturando, perdendo referências e tal. No início dos anos 2000, eles fizeram todo o processo de reorganização desse acervo, principalmente das ossadas humanas [...] e, produziram um livro sobre esses estudos. [...]

Cláudio Baptista Carle quando foi ao MASJ:

> Como pesquisador eu fui pra lá, para investigar material relativo aos sambaquis e aos sítios guaranis. Isso na década de 90, isso na década de noventa quando eu estava fazendo [...] Pensando numa perspectiva de dar continuidade pra minha dissertação de mestrado eu terminei o mestrado em 94 ou 95 não me lembro de cabeça e estava pensando de dar continuidade ao mestrado pra trabalhar então com coleções guaranis ou atuar na área de sambaquis [...] tinha muito material de sambaquis e estava bastante desorganizado e eu pensei, bom vou fazer uma investigação né para ver as possibilidades de trabalhar ou com material de sambaquis ou com material de guaranis e daí eu fui visitar minha família em Joinville e aproveitei para fazer a pesquisa no museu e eles colocaram a gente dentro de uma sala, no lugar de trabalho e todo esse material a gente deslocava desse espaço para lá. [...]

Sobre suas visitas ao Museu Nacional da UFRJ, Cláudio Baptista Carle relata que:

> No Museu Nacional (...) há coleções do mundo inteiro. Coleções que são muito antigas [...]. Na visita que fiz em 2001, eu fui lá exatamente pra ver as coisas que estavam relacionadas à questão quilombola, a informação sobre aquele dia do negro que praticamente não tinha nada em acesso direto. A gente recebeu um convite para fazer uma visita no Museu Nacional, mas não especificamente ao museu, e sim aos laboratórios de Arqueologia dentro do museu. Laboratórios de conservação. Digamos que essa foi a minha 1ª visita ao museu como arqueólogo. Nos levaram ao laboratório da conceição Beltrão. Não consigo lembrar quais eram as pessoas que estavam nesse laboratório, mas me lembro de um que me chamou a atenção, a Conceição Beltrão, que é uma figura emblemática da arqueologia brasileira. Havia muito material lítico, tinham gavetas e gavetas de material lítico e ela lançava datas muito antigas [para este material]. Isso chamava a atenção naquela época, quando eu fui visitar. Isso foi em 1991 ou 1992, há muito tempo atrás. E [essa] foi a oportunidade que eu tive de visitar a parte laboratorial do museu. Da outra vez em que eu fui fazer pesquisa, fui buscar material relativo à questão da escravidão. Eu tinha toda essa documentação relacionada que estava guardada no M.N, mas sempre nos encaminhavam (me encaminhavam) para o arquivo nacional, [diziam] que era melhor buscar no arquivo porque lá há mais documentação histórica do que material arqueológico. De qualquer maneira, eles têm uma coleção bastante grande que pertencia à própria família imperial, [...] mas isso me foi mostrado por catalogo.

2.3.2 Documentação museológica no MN e no MASJ

Referente ao estado da documentação no MN, o museólogo Diego Lemos Ribeiro relata:

> Uma parte considerável do acervo não tinha qualquer informação associada, [...] Eram caixas de madeira em estantes de madeira. Na caixa só tinha escrito [o nome do] sitio, e a localização do sitio. [...] muita descoberta fortuita, muita coisa chegava em caixas e caixas e lá era colocada, e muitas vezes, nem era estudada, então a documentação era praticamente nula.

Em relação à documentação no MASJ, o museólogo Diego Lemos Ribeiro conta que:

> Há muito tempo, eles têm um projeto específico de documentação arqueológica e museológica, embora a equipe de arqueologia historicamente seja muito diminuta. [...] Acho que há uma década só havia um arqueólogo no museu, que se licenciou para fazer o doutorado. Então, a arqueologia lá enquanto disciplina, enquanto área de atuação, é muito pequena. Isso causa um represamento da documentação, e do estudo da coleção. E hà um setor de museologia que acaba fazendo esse papel igualmente, de colaborar na documentação, selecionar o acervo que vai para a exposição, e assim por diante, então existe. Como todo museu tem uma demanda represada, tem caixas que sequer foram olhadas desde a década de 90. Mas esse, ainda é um museu que tem que ser olhado com esperanças em relação aos demais. Essa é a minha impressão de visitante de museus, e [de elaborador] de laudos. O MASJ está numa posição bastante interessante e [conta] com uma equipe igualmente interessante.

2.3.3 As exposições no MN e no MASJ

Perguntei ao Diego Lemos Ribeiro “Como esses objetos arqueológicos eram apresentados nas exposições do MN”. E ele respondeu que

> [...] o Museu ainda tem uma característica muito forte do século XIX, baseada no Darwinismo, [...] e se manteve por muito tempo assim. De certa forma ainda é um retrato de um sistema classificatório do século XIX, não muito diferente. Então você tem as exposições que tem maior apelo expográfico como [a do] Egito, [...] você tem também a arqueologia chamada Greco-romana e a arqueologia dita brasileira que está ao relento. Ela é a mesma há décadas, e com muita pouco informação e muito pouca visita. Então se você fizer uma leitura da modernidade das exposições você vai ver que a arqueologia dita brasileira ela é a pior apresentada.

No modo como os objetos são apresentados no MASJ. Ele respondeu:

> Então, ai tem uma diferença muito grande do Museu Nacional. [...] Ele é um museu de historia natural, em razão disso ele abarca uma coleção de arqueologia também. [...] Muito baseada no evolucionismo, na divisão do espaço, do tempo, das sociedades que fizeram aqueles artefatos, uma visão muito histórico-culturalista, enquanto o Museu de Sambaqui de Joinville tem, [...] um olhar mais baseado no processualismo. Então, [este último tentava entender] como aquelas pessoas buscavam alimentos,quais instrumentos elas utilizavam, [para] que servia cada instrumento. Logo, [o museu de Joinville] tem uma apresentação um pouco diferente e foca também no trabalho do arqueólogo. O que é interessante, de uma certa forma mostra a arqueologia como um processo feito por pessoas de carne e osso. Basicamente, isso também é separado por tipologia de acervo. E como diz o nome, o aspecto central é a cultura sambaquiana.

Cláudio Baptista Carle conta sobre as visitas que fez ao MN/UFRJ e o MASJ:

> [...] todas as vezes que eu fui no Rio de Janeiro, eu fui à Quinta da Boa Vista (sede do MN). Agora estou me lembrando muito claramente da ultima visita que eu fiz ao museu. Levei a família, as crianças pequenas para visitar. Uma parte do museu estava fechada, para mim era uma parte muito interessante, e eles mudaram as exposições, colocando elas mais frontalmente. (...) Eles tinham uma área toda de circulação donde você conseguia ver o pátio interno da Quinta da Boa Vista, mas dessa vez não tive acesso nenhum. E tinha uma outra forma de exposição, mas me pareceu mais limpo, não estava tão amontoada. (...) Houve algumas alteração, e eu tentava [entender] a relação. O que tinha aqui? Porque trocou de lugar? E os espaços? Eu não consegui relacionar uma coisa com a outra, mas nesse sentido eu acho que o Museu Nacional está muito mais preparado para receber os pesquisadores. E mesmo pra receber visitação. [Se o compararmos], por exemplo, [com] o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, [veremos que] você não paga pra entrar no Museu Nacional você paga pra entrar. Eu acho que talvez a arrecadação facilite o funcionamento, no sentido do controle e do cuidado, e na possibilidade de reinvestir no museu. Sendo assim, o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville fica dependendo do dinheiro do município e o Museu Nacional tem uma arrecadação própria, que não é muito dinheiro cobrado, mas pela circulação de gente, gera provavelmente um montante significativo que pode ser utilizado. Nesse ano, [o Museu Nacional] ele tinham recebido a cabeça de um tiranossauro, esse era o grande processo do museu a existência dessa cabeça que tinha recentemente chegado no museu como o museu não tem muito mais áreas museográficas não tem muito mais espaço do que ele já tem pra museogafar. Então acho que fica difícil pra eles então estava em uma sala lateral bem na entrada, aquela cabeça e uma coisa que eu vi dessa museografia, dessa cabeça e que você não consegue por exemplo é permitido a fotografia sem flash, a mesma coisa no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, mas não há como fazer a fotografia dessa cabeça porque como ela é fechado com vidro e a incidência de luz não é muito forte exatamente pra não alterar a estrutura da peça. Eu vi muito dificuldade de fotografar o que está exposto á visitação da coleção do Museu Nacional que era um coisa que eu acho que mudou antes não tinha eu não sei se mudou a incidência de luz eles alteraram pra conservação das peças e que dificulta pra gente a fotografia. Uma das

> coisas que vi no museu nacional são as múmias que eu me lembro delas a um tempão atrás. Todas elas estavam embaladas com plástico, acho que é um plástico. Você não consegue ver a múmia, você vê os pés dela e vê a cabeça. Então você tem lá o Sarcófago, tem uma múmia dentro de uma estrutura de vidro, mas você não tem acesso a múmia como eu tinha tido acesso antes. Então talvez porque tão fazendo tratamento pra combater a degradação, mas de qualquer maneira todas as múmias estavam com isso, só a múmia dum gato e duma criança que era possível de visualização inteira.

Cláudio Baptista Carle continua o relato sobre como os objetos estavam expostos:

> Seria uma mesa coberta com vidro, então agora elas agora tão impossibilitada de visualização mas não tem nenhuma explicação, então você olhar ali, você acha você vai ver a múmia sempre daquele jeito. Porque não tem nenhuma explicação se está em tratamento. [...] Não porque elas podem estar em processo de restauro ou de consolidação da estrutura como ta na questão, do restauro, da manutenção. Mas o que da a entender quando você chega e vê elas dentro de uma caixa de vidro tem aquela cobertura. O Museu Nacional talvez não tenha um ambiente. Só pra dar um exemplo, e toda a coleção Lítica deles que é uma coleção bastante interessante que tem as pontas maiores do Brasil que vieram da região não só de Minas Gerais mais de Goiás que são pontas de projéteis e a própria Luzia é muito difícil você conseguir fotografa, porque a Luzia foi, não sei se aquilo é uma reprodução porque não diz que é uma reprodução, porque a Luzia foi feita a partir moçado original, se tirou o molde e partir disso se reconstituiu a fisionomia dela, está [no museu] o processo de como foi feito e tem uma imagem, acredito que seja a original. Mas uma coisa até agora pensando me pareceu dentro do Museu Nacional como ele tem essa multi foco dele. Tem animais [...] você tem uma parte tem a ver com Império, outra parte tem a ver com a múmia, outra parte que é de animais, tem até um crustáceo gigante. Então você tem muita variedade de coisa. Eu acho que é difícil pra eles fazer um controle ambiental daqueles espaços e ai claro você é conduzido para algumas linhas de pensamento. A parte arqueológica, que eu considero desde as múmias e do material lítico a Luzia e o material cerâmico. Eles estão numa área lateral esquerda para quem sobe na parte de cima. Eles estão desconectados por exemplo da área que tem material oceanográfico e parece que não há uma associação entre os grupos indígenas e os grupos arqueológicos. Isso cria um distanciamento no campo do pensamento ou mantém o pensamento que [material] arqueológico não é indígena. Desde a década de 60 a gente está tentando abolir essa ideia dentro da arqueologia, mas parece que lá é mantido no Museu Nacional. Talvez por uma questão de conservação pode se, ou por uma questão de espaço, impossibilidade de espaço pra fazer essas coisas.

Como visitante de museus Cláudio Baptista Carle argumenta:

> Como visitante exatamente eu acho que no Museu de Sambaqui está muito focado na questão do Sambaqui, tem algumas outras coleções históricas. Ele é um museu muito ficado no sambaqui. As informações, ele é um museu menor, significa que é um aumento menor em áreas de exposição. Eu acho que eles estão muito mais fácil de compreender, por exemplo a

> própria vida dessas pessoas que viviam em sambaquis ou guaranis. No caso do Museu Nacional eu vou dizer assim em relação aos animais que estão expostos lá, é uma montoeira. Olhando para a parte de arqueologia eu acho que tem uma massificação de informação. [...]

2.3.4 Acesso à RT e amparo à pesquisa multidisciplinar no MN e no MASJ

O arqueólogo Cláudio Baptista Carle também contou que não foi permitida a sua entrada na reserva técnica. Jaime Mujica Sallés explica que isso também ocorre em outros museus brasileiros.

> [...] Partimos da base de que os materiais arqueológicos são patrimônio da nação. E estão sempre disponíveis tanto para a extroversão, quanto para pesquisa, para analises, etc. Lamentavelmente, na prática arqueológica do Brasil, as coleções arqueológicas parecem se tomar por coleções particulares, onde os curadores e arqueólogos responsáveis por reservas técnicas nos museus têm pleno poder para permitir ou não permitir o acesso à coleção. Um quadro muito grave, muito grave porque as coleções não são deles. A coleção não é dos arqueólogos, a coleção é um bem público. Em decorrência dessa visita fizemos outras visitas a outros museus e laboratórios de arqueologia em outros estados, e os argumentos para não deixarem visitar a reserva técnica foram diversos. [Diziam] que não tinham a chave, que não tinham responsáveis, que não tinham condições.

Segundo Jaime Mujica Sallés, um reserva técnica

> [...] possui materiais não tem razão de ser de livre acesso ao público, [mas não permitir o acesso] aos pesquisadores da área é muito grave. No caso de Joinville a nossa intenção era conhecer o estado de conservação das coleções, conhecer a conservação preventiva, climatização, iluminação, material [de fabricação] da prateleira, material das caixas, etc... Eventualmente, poderíamos fazer por escrito algumas recomendações para melhorar as condições do acervo. Então, para nossa surpresa fomos impedidos de fazer essa parte dessas coisas. O que uma impressão bastante ruim nos alunos, e vários deles são conservadores restauradores, vários deles já trabalham com a conservação de materiais arqueológicos. [...] Nossa intenção era visitar e colaborar mutuamente.

O arqueólogo Cláudio Baptista Carle conta também sobre os alagamentos no MASJ:

> Até essa época tinham acontecido alguns alagamentos, mas chegaram a afetar a estrutura interna do depósito. Na reserva técnica do museu, em 2002 ou 2003, aconteceu o primeiro grande alagamento por causa da Bahia de Capitonga. Foi alterada a estrutura de saída e entrada de embarcações e não houve vazamento. Na realidade, a água do mar pressionou a água do

> rio Cubatão, que passa na lateral do museu, e a água do rio Cubatão entrou, dentro do museu. [O edifício] é desnivelado em relação ao nível do rio. Ele está no nível do rio, na sua base [...] e como ele está no mesmo nível do rio, acabou alagado. Aquela musealização que existia, e que tinha sido feita no inicio da década de 90 uma nova museologia baseada na museologia moderna que não era só o museu depósito, tentava contar uma história. [...] Você olha e aparece uma imagem de época de um sambaqui, imagem de escavação com a própria figura que lembraria a figura do Tiburtius acompanhando o processo, fazendo sondagem. Isso tudo foi destruído pelo alagamento e aí eles refizeram tudo, levantaram tudo, toda a exposição ficou mais alta e foi feita toda uma nova musealização. Ouve investimento, não só da fundação, mas também do IPHAN [...] Mais recentemente, em 2012 ou 2013, teve outro alagamento que atingiu novamente a estrutura do museu. [...] E esse alagamento foi muito alto, atingiu novamente a exposição que já estava levantada, exatamente para evitar todo esse processo. [...]

Cláudio Baptista Carle conta sobre os catálogos no Museu Nacional da UFRJ, e os associa ao que encontrou no MASJ:

> Então, eu olhei o catálogo como pesquisador. (...) [E o catálogo do MN era] um pouco diferente do MASJ. O MASJ não tinha catálogo, tinha uma lista. Uma listagem de material [a partir da qual] e você tem que descobrir num catalogo que tem a fotografia, daí você consegue olhar as fotografias e tal. Há uma ficha descritiva e a fotografia das peças, isso te dá museograficamente, ou mesmo para uma pesquisa, uma facilidade muito maior de trabalho. Então, através do catálogo, consegui atingir algumas coisas que eu queria, e verifiquei que não era aquele o lugar. Pra eu encontrar esse material que me interessava, eu fui a mais um lugar no Rio de Janeiro. A questão da escravidão era objeto da minha tese.

Ele também relaciona as pesquisas desenvolvidas no MN/UFRJ e no MASJ:

> [...] me parece que o material lá está bem catalogado no sentido da construção de catalogo e eles deve ter um controle muito maior de entrada e saída de material que no caso o MASJ eu não faço ideia se entra ou sai, vão seu se as coleções do Sambaqui são permanentes ou não, no sentido da reserva técnica, mas eu também não sei o fluxo de entrada. Porque essas listagens não sei se são atualizadas ou não. [...] Bom a gente sabe que materiais se desfazem, materiais novos são acrescentados que são encontrados fora de lugar e me parece para o Museu Nacional isso é muito mais organizado. E eles tem toda uma serie de laboratórios assessorando a estrutura do museu, coisa que não tem no museu de sambaqui.

E conta sobre sua experiência na reserva técnica do MASJ:

> Então o arqueólogo chega e tem alguma dificuldade as vezes de convencer, de mostrar, de, porque assim o acesso a reserva técnica e que eu acho correto não e feita pelo pesquisador. [...] O pesquisador solicita dentro da reserva técnica aquele material. Claro ele tem acesso aos dados da coleção. Então você sabe lá que tem digamos duzentas cerâmicas que

> saíram dos sambaquis tal. [...] Então você solicita uma cerâmica ai você vai verificar. Têm de cerâmica guarani, tem cerâmica itararé [...] Como eu não tinha referência que cerâmica era tinha que olhar solicitar e ver. Bom esse que me interessa então leva essa aqui e devolve a que não me interessa. Nesse sentido e têm um pouco de dificuldade apesar de que vários arqueólogos já foram lá trabalhar. Então assim as cerâmicas estão cadastradas. A última coisa que eu vi na ultima exposição cerâmicas guarani caracterizadas como cerâmicas itararé na exposição. [...]

Quando foi pesquisar no MASJ o Cláudio Baptista Carle também encontrou dificuldades em relação ao acesso a reserva técnica:

> A reserva técnica não tem uma, uma descrição que te conduza a compreender especificamente qual é o material que está lá dentro. Como você não tem acesso direto, você não pode entrar e ficar olhando,

Cláudio faz a associação entre os dois museus pesquisados:

> O museu do Sambaqui é um museu arqueológico. O Museu Nacional não é, só um museu arqueológico é um museu também com muito material arqueológico, mas ele também hoje tem material anteológico. E ele é também um museu histórico, você vai lá visitar no Museu Nacional a casa, o espaço do trono, de onde o imperador recebia. Então o Museu Nacional tem essa peculiaridade de ser fruto também. Então eu acho que é mais fácil pesquisar no Museu Nacional do que pesquisar no Sambaqui. Claro eles me entregaram catálogos, se toda a coleção, se toda a reserva técnica ta num catálogo eu não sei. . Obvio que o Museu Nacional continua fazendo pesquisa, cada ano entra mais material e são reordenado na reserva técnica do museu. e isso vai virar um catalogo com o tempo, pode levar um, dois, três anos. Porque analise leva mais tempo, mas me parece que com essa organização muito mais fácil você procurar alguma coisa, ter acesso a isso. Dependendo da relação se você tem uma relação mais próxima como pesquisador lá, você pode entrar no laboratório dele. Acho que é um diferencial no Museu Nacional. [...]

2.3.5 Extroversão e envolvimento com o público no MN e no MASJ

Perguntei ao museólogo Diego Lemos Ribeiro se o MN/UFRJ tinha estratégias para aproximar o público na época em que ele estava estagiando lá?

> Na verdade o Museu Nacional tem uma particularidade ele é o primeiro museu do Brasil, de história natural, né, ele é um museu que esta introjetado no senso comum do carioca, sobretudo do carioca, então esse envolvimento ele é mal comparando como se fosse o do Louvre, a pessoa vai á Paris e visita o Louvre, a pessoa vai ao Rio de Janeiro e visita o Museu Nacional. Então esse envolvimento ele é mais pelo apelo que o museu tem historicamente, do que um envolvimento propriamente dito, não é um envolvimento de protagonismo qualquer dos visitantes. [...] O Museu funciona tal como um Museu no século XIX também, ele abre a porta e

> quem quiser entre, ele não tem nenhuma intenção, nenhum projeto sólido de atrair o público, a atração dele como te disse é o apelo que o Museu tem dentro daquele do cenário do Rio de Janeiro, é um ponto a ser visitado [...] mas isso não significa que tenha um projeto claro, detalhado para aproximar o publico, e um publico muito grande também é o publico escolar. Que no tempo que eu fiquei lá, e como eu já fui monitor da exposição, de uma exposição de arqueologia temporária. As escolas elas, chegam lá, despejam os alunos, não tem nenhum acompanhamento interessante, assim, as crianças ficam no museu [...] e tal como o principio de educação de pedagogia do século XIX, ver e aprender. [...] tem uma equipe de monitores, mas eles atendem especificamente um publico escolar, um público que tem uma hora marcada [...] inicial não tem nenhuma estratégia exatamente de atração de publico, o publico vai ele tem uma visitação absurda o museu, [...] mas essa visitação não implica um envolvimento.

Diego Lemos Ribeiro explica que o envolvimento do público com o MASJ:

> [...] é muito grande desde a origem do museu. Na década de 70, [...] faziam muito mais ações extra-muros do que intra-muros, [...] sempre se preocuparam em extravasar as barreiras, as quatro paredes, e ir a campo. Tanto que eles têm inclusive no regimento duas categorias de acervos que salvaguardam *in situ* e *ex situ*. Aquilo que está fora do museu e tem a ver com a cultura sambaquiana é preocupação direta do museu também e eles assumem o papel de salvaguardar, inclusive por lei, porque eles têm [...] um convênio com o IPHAN desde o início do museu. O envolvimento com o público é de fato, não é só abrir a porta e esperar o público chegar. Ele, [o museu] vai até as pessoas que têm interesse no museu ou não, é o que acaba obtendo depois das ações. [...] O setor [...] tem um poder muito grande dentro [...] do organograma do museu [...] por dois motivos básicos: um deles, porque [...] não tinha arqueólogo no museu até, não me lembro exatamente a data, mas o museu ficou [por um período de cerca de] 20 anos [...] sem arqueologia. As ações educativas aconteciam desde o primeiro dia, desde a inauguração do museu então eles ganharam muita força nesse sentido, e, ainda hoje equipe de educação é muito maior do que as outras equipes, então acho que tudo isso organicamente acabou levando a um envolvimento muito maior do entorno, das pessoas que estão fora do museu.

E por fim, Cláudio Baptista Carle comenta sobre as atividades desenvolvidas pelo MASJ:

> Eles sempre fazem atividades de educação com criança, então tem escolas continuamente. As escolas estão chegando no museu e eles tem uma sala, onde eles fazem a recepção inicial que é tipo um auditório onde fica toda uma explanação interior e tal, isso eu via também que eles faziam, não sei se dá pra dizer que é educação patrimonial ou se é um preparo. É um preparo mais educativo em relação ao museu.

Considerações Finais

Quando a ideia da pesquisa sobre os respectivos museus (MN e MASJ) e os acervos arqueológicos salvaguardados nos dois, foi sendo construída e estruturada, tanto no pré-projeto de pesquisa, quando no começo da escrita desta monografia, uma das metodologias usadas foi o envio para os museus (MN e MASJ) de um questionário (apêndice D) que as equipes existentes nessas Instituições iriam responder. Com as respostas a esses questionários, eu poderia fazer uma tabulação de dados e ter informações referentes ás estratégias de envolvimento do Museu com o público, como os objetos arqueológicos são apresentados e etc.. Depois de meses tentando entrar em contato com os respectivos museus, houve um retorno inicial do MN/UFRJ e parcial do MASJ, mas depois de algum tempo esse contato deixou de existir. Como é possível observar nos Apêndices A e B.

Com o que foi apresentado no capitulo 1 foi possível ver a longa trajetória dos museus independente da tipologia para serem reconhecidos devidamente assim como os obstáculos e degraus que a musealização da arqueologia vem enfrentando ao longo dos séculos. Desse modo os exemplos escolhidos, o MASJ e o MN/UFRJ, permitem ver dois momentos muito diferentes da musealização da arqueologia, e os pesquisadores de diferentes áreas são sensíveis a essas diferenças.

No capítulo 2 além de uma breve análise sobre a criação dos dois museus foi possível através do olhar desses três pesquisadores verem como o MN/UFRJ e o MASJ desempenham seu papel como comunicador da memória, protetor das coleções museológicas e cumpridor de tarefas que aproximam ou não as pessoas do museu.

Não basta apenas ter os objetos no museu, ter um amontoado de coleções nas reservas técnicas. Esses dois museus pesquisados são exemplos distintos das transformações que vem acontecendo ao longo dos séculos no universo museológico. O primeiro museu de história natural do Brasil que contém coleções provenientes de diversas partes do mundo. E o outro, um museu que não só comunica, mas também protege a cultura sambaquiana da região de Joinville.

Os museus evoluíram muito ao longo do tempo, mas ainda hoje vemos como algumas situações que ocorrem em museus os tornam debilitantes de ajuda.

Como por exemplo, as ações que o MASJ promove, tanto intra muro como extra muro, aproxima os visitantes do museu e seu acervo rico. Mas devido ao local onde ele foi construído as enchentes por muitas vezes depreda o acervo, destruindo o mesmo, e impossibilitando o acesso do visitante ao museu. Ou a falta de ações que aproxime o público para o museu, ações em que as pessoas se sintam não só representadas, mas que podem também fazer parte do processo.

Através dos entrevistados foi possível perceber muitos aspectos que aprendemos durante o curso de Bacharelado em Museologia. Identificar principalmente o que eles contaram sobre os museus, como por exemplo, os problemas com o acesso a reserva técnica do MASJ, a falta de informações associadas aos objetos expostos no MN/UFRJ, e a carência de bibliografia que pudesse ser utilizada para certos temas de pesquisa.

Fazer este estudo, ou melhor, iniciá-lo, - até mesmo porque é um assunto que ainda tem muito que ser pesquisado e analisado para dar seguimento a estudos e trabalhos futuros - é perceber detalhes, entender um lado importante da musealização da arqueologia, a saber, a salvaguarda e amparo à pesquisa acadêmica multidisciplinar. Esta foi uma oportunidade de lançar um olhar diferente sobre algo amplamente pesquisado.

Referências

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da arqueologia no Brasil. REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-2000.

BINA, Eliene Dourado. Museus e comunidade: comunicação e educação**.** Políticas Culturais em Revista, 1 (4), p. 20-35, 2011.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **A Musealização da Arqueologia.** Primeiro capítulo. Caderno de Sociomuseologia, nº17. 35-151. 1999.

BRUNO, M. C. O; GUEDES, S. P. L. de C.; AFONSO, M. C.; ALVES, M. C. Um olhar museológico para a arqueologia: a exposição "Pré-história regional" de Joinville (Santa Catarina). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. Universidade de São Paulo, nº. 1, São Paulo, p. 113-129, 1991.

CAMEIRO, Carla Gibertoni (coord.). Arqueologia. **In: Guia Temático: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**. Programa de educação patrimonial do levantamento Arqueológico do Gasoduto. COARI – Manaus, 13- 22, 2008.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. In: **Nota de Pesquisa**. v.12, São Paulo, p.365-389, 2005.

CURY, Marília Xavier. **Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições**. UNI revista - v. 1, n° 3, p.1-13, 2006.

CURY, Marília X.; VASCONCELLOS, Camilo de M. Introdução – Questões indígenas e museus. **In: Questões indígenas e museus: debates e possibilidades**. CURY, M. X.; VASCONCELLOS, C. de M.; ORTIZ, J. M. (Coord.); Brodowsk: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Coleção Museu Aberto, São Paulo, p.17, 2012.

DANTAS, Regina Maria M.C. **A Casa do Imperador:** Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2007.

DE BLASSIS, P.; KNEIP, A.; SCHEEL-YBERT, R.; GIANNINI, P.; GASPAR, M. **Sambaquis e Paisagem: Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil.** ArqueologíaSuramericana, v. 3, p. 29-61, 2007.

DIAS, Carla da Costa. **O Museu Nacional**: formando e conformando o patrimônio nacional. Ilha R. Antr., Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC. v. 8, n. 1,2 (2006).

FUNARI, Pedro Paulo A. *O que é arqueologia*. In: **Arqueologia.** São Paulo: Contexto, 2003, cap.1.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências.** Cienc. Cut, 2013, vol.65, n.2, p.23-25.

FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia Brasileira: uma visão geral e reavaliação. **In: Revista de História da Arte e Arqueologia**. nº 1, Campinas, p.23-41, 1994.

FUNARI, Pedro Paulo A.; OLIVEIRA, Nanci V.; TAMANINI, Elizabete. **Arqueologia pública no Brasil e as novas fronteiras.** Práxis ARCHAEOLOGICA 3, 2008, p.131-138.

GASPAR, M. D. Arqueologia, Cultura Material e Patrimônio. Sambaquis e Cachimbos. In: GRANATO, Marcus e RANGEL, Marcio, F.. (Org.). **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia.** 1ed. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins/ Grupo de Pesquisa em Preservação de Acervos Culturais (MAST/ M, 2009, p. 39-52.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. Lá muséologie Histoire, développements, enjeux actuels. 2ª edition, ARMAND COLIN, 2006, Paris, p.43.

JORGE, Vitor Oliveira. **Arqueologia, Patrimônio e Cultura**. Instituto Pieget. 2000, p.56-94.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007.

KNAUSS, Paulo. História de coleção e história de exposição. **In: História representada: o dilema dos Museus.** Livro do Seminário Internacional, p.127-134, 2002.

LIMA, Jônatas Ferreira. **A "Moda" chamada "*Sciencia*": A era dos museus no Brasil (1870 – 1910).** Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. p. 01-07, 2013.

MORALES, Walter F.; MOI, Flavia P. Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira. ANNABLUME, editora. São Paulo, 2009, 339p.

MOREIRA, Carlos et al. Os Diretores do Museu Nacional. Museu Nacional UFRJ, Organizado pela Seção de Museologia, Rio de Janeiro, 2008, 59p.

MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE. Disponível em: <http://www.museusambaqui.blogspot.com.br/> Acesso em: 27 out. 2014.

MUSEU NACIONAL UFRJ. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/> Acesso em: 26 out. 2014.

NAJJAR, Rosana. *A Arqueologia*. In: **Manual de Arqueologia Histórica.** Brasília: IPHAN, 2005, p.12-18.

NASCIMENTO, Rosana. A Instituição Museu: a historicidade de sua dimensão pedagógica a partir de uma visão crítica da instituição. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa, nº11, p.21-35, 1998.

NASCIMENTO, Rosana. O objeto museal como objeto de conhecimento. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa, nº11, p.07-28, 1998.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 1992.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. N.3, 1993: p.159 a 164.

RIBEIRO, Diego L. A **Musealização da Arqueologia: um estudo dos Museus de Arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville.** Tese. 376p, São Paulo, 2012.

RIBEIRO, Diego L. **O Museu Nacional e a musealização do objeto arqueológico: especificidades de um museu nacional de ciências.** Rio de Janeiro, p. 67, 2004.

RIBEIRO, Marina Byrro. Arquitetura **na conservação preventiva em museus brasileiros.** I Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauro. p. 144-165, 2011.

SAFRA. O Museu Nacional. Instituto Cultural. Branco Safra, Brasil, 2007.

SALADINO, Alejandra. **Prospecções na arqueologia brasileira: processos de ressignificação e práticas de preservação do patrimônio arqueológico.** Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-DEMU/IPHAN e UERJ. 26ª Reunião de Antropologia, Bahia, Brasil, 2008, p.01-21.

SANTOS, Adriana Maria P. A conservação dos acervos no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville - MASJ - **Cadernos do CEOM** - Ano 18, n. 21 - Museus: pesquisa, acervo, comunicação, 2014, p.228-242.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Museus Brasileiros e Política Cultural.** Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS Vol. 19 nº. 55, p.53-73, junho/2004.

SCHWARCZ, Lilia K. M. A “Era dos Museus de Etnografia” no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: org. FIGUEIREDO, Betânia G.; VIDAL, Diana G. **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades á Museologia Moderna.** Belo Horizonte, MG: Argvmetvm; Brasília, p. 113-136, 2005.

SCHWARCZ, L. K. M. O Nascimento dos Museus Brasileiros, 1890-1910. **In: Miceli, S. (ed.), História das ciências sociais no Brasil**. Vértice, São Paulo, p. 20-71, 1989.

SENA, Tatiana da Costa. **Relíquias da nação: a proteção de coleções e acervos no patrimônio (1937-1979)** Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2011. 172 f.

SILVA, Abrahão Sanderson N. F. **Musealização da Arqueologia: Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico em Museus potiguares.** Dissertação, 178 f, São Paulo, 2008.

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. Na contramão do trato com os materiais indígenas: a Coleção Arqueológica do Museu Histórico Lauro da Escóssia. **Mneme Revista de Humanidades**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caico. v. 06. nº 13, dez.2004/jan.2005.

SIMÃO, Lucieni de Menezes. Elos do patrimônio: Luiz de Castro Faria e a preservação dos monumentos arqueológicos no Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 4, p. 421-436, 2009.

SOUZA, Helena V. L. de. **A Coleção Balbino de Freitas e o Museu Nacional.** UNIRIO, Museu de Astronomia e Ciências Afins/ MAST – Rio de Janeiro, p.1-87, 2012.

TAMANINI, Elizabete. Museu e Educação: Reflexões acerca da experiência no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural. Vol.1 Nº 1 p. 79-84, 2003, Santa Catarina.

TAMANINI, Elizabete. Museu Arqueológico de Sambaqui: Um olhar necessário. Dissertação. Campinas, 1994, 169p.

TIBURTIUS, Guilherme A. E. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Tradução Maria Thereza Bobel – Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996, p.102.

TRIGGER, Bruce, **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

TREVIZAN, C. D.; SIMÃO, É. F. **A descoberta de um tesouro: O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 192-210, jul./dez. 2007.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Os Museus de Ciência e Tecnologia**: algumas perspectivas no Brasil dos anos 1980. In: XII Encontro Regional de História - Campinas - ANPUH/SP, 2004, Campinas. Anais do XII Encontro Regional de História - Campinas - ANPUH/SP. São Paulo: ANPUH/SP, 2004. v. 1. p. 1-8.

VALENTE, Maria Esther A. **Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970.** São Paulo, 284 f, 2008.

VASCONCELLOS, Camilo de M. Museus Antropológicos e Universitários: por um novo diálogo junto ao público. **In: Questões indígenas e museus: debates e**

possibilidades. CURY, M. X.; VASCONCELLOS, C. de M.; ORTIZ, J. M. (Coord.); Brodowsk: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Coleção Museu Aberto, São Paulo, p. 129-136, 2012.

Fontes

CARLE, Cláudio Baptista. **Depoimento.** [Mai. 2015]. Entrevistadora: Juliana Sabrine Braga Ulguim. Pelotas, 2015.

RIBEIRO, Diego Lemos. **Depoimento.** [Abr. 2015]. Entrevistadora: Juliana Sabrine Braga Ulguim. Pelotas, 2015.

SALLÉS, Jaime Mujica. **Depoimento**. [Mai. 2015]. Entrevistadora: Juliana Sabrine Braga Ulguim. Pelotas, 2015.

Apêndices

Apêndice A - Contatos via E-mail com o Museu 1 – MASJ:

Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville
e-mail: sambaqui.joincultural@gmail.com
Olá, tudo bem? Sou estudante do 8º semestre do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, e estou escrevendo meu trabalho de conclusão de curso sobre a Musealização da Arqueologia em dois Museus brasileiros. Sendo um deles o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Eu gostaria de saber se posso enviar um questionário para que a equipe do Museu responda? Seria de grande ajuda para a pesquisa que estou fazendo. Obrigada desde já. Atenciosamente, Juliana Sabrine Braga Ulguim.

Contato através da rede social Facebook:

Juliana Ulguim16/5/2015 14:58 Olá, tudo bem? Sou estudante do 8º semestre do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, e estou escrevendo meu trabalho de conclusão de curso sobre a Musealização da Arqueologia em dois Museus brasileiros. Sendo um deles o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Eu gostaria de saber se posso enviar um questionário para que a equipe do Museu responda? Seria de grande ajuda para a pesquisa que estou fazendo. Obrigada dês de já. Atenciosamente, Juliana Sabrine Braga Ulguim.
Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville - MASJ19/5/2015 11:26 Prezada Juliana, sugerimos, antes de enviar questionário, que entre em contato direto conosco, pelo telefone 3433-0114 e converse com a coordenadora sra. Roberta. Att. Setor Administrativo/MASJ
Juliana Ulguim31/5/2015 13:44 Olá, eu tentei primeiramente entrar em contato pelo email oficial do museu a três meses, e não obtive resposta. Tentei conseguir um telefone mas isso ainda não foi possível. Tenho um prazo curto para entregar a minha pesquisa, não teria mesmo como vocês me ajudarem mesmo que o contato seja via email?

Att. Juliana Ulguim
Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville - MASJ2/6/2015 09:41 Prezada Juliana, conforme contato telefônico na semana que passou, devido os preparativos de um evento nosso, e os transtornos de estarmos fechados após a enchente ocorrida em março e na correria de podermos reabrir ao público em breve, estamos ainda nos organizando e nos adequando para responder a todos os e-mail e informações solicitadas a nós oficialmente... Mas Falei com a nossa Coordenadora hoje novamente, e lembrei-a do seu e-mail e sua solicitação... Ela informou que ainda hjestaremos encaminhando e-mail para você. ok?! Desculpe-nos pelo transtorno. Ficaremos felizes em colaborar no que for possível! Att. Setor Administrativo
Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville - MASJ2/6/2015 11:09 Prezada Juliana, encaminhamos e-mail, aguardamos retorno da solicitação de acesso. Att. Setor Administrativo
Juliana Ulguim2/6/2015 11:17 Olá, obrigado, já estou respondendo.

Contato através de email (parte 2):

Roberta Meyer betameyer@gmail.com- 2 de jun Prezada, Juliana Segue em anexo, uma solicitação de acesso (no seu caso, será entrevista) para o levantamento de informações que vc necessita. O seu questionário é direcionado a toda equipe ? (educadores, arqueólogas, conservadora, equipe de monitoras, coordenação..) Ou é direcionado a um setor em específico ? Vc vai enviar eletronicamente ou virá fazer alguma visita e entrevista presencial. Por favor, preencha e nos envie a solicitação para formalizar a sua solicitação e darmos prosseguimento ao trabalho. Att, Roberta Meyer Miranda da Veiga coordenação MASJ

Juliana Ulguim julianasabrineulguim@gmail.com- 2 de jun

para Roberta

Olá.

Sim, o questionário é direcionado a toda a equipe do Museu.
Vou enviar eletronicamente, não tenho ainda como ir pessoalmente. Futuramente sim. Tenho um prazo curto para a pesquisa, tenho que entregá-la dia 16 deste mês.

Em anexo esta a solicitação preenchida.

Att, Juliana Sabrine Braga Ulguim

Roberta Meyer- 2 de junho

para mim

Ok, Juliana

O seu projeto, que prevê uso de questionário, passou pelo Comite de Etica e Pesquisa da Plataforma Brasil ? Se não, você não pode utilizar os dados obtidos em entrevistas e questionários na tua pesquisa.
Vou encaminhar a tua solicitação à equipe. Aguardamos o envio do questionário e da resposta sobre o CEP.
Att, Roberta
coordenação MASJ

Juliana Ulguim julianasabrineulguim@gmail.com- 2 de jun

para Roberta

Em anexo o questionário.

Roberta Meyer - 2 de jun
para mim

ok, aguardo seu retorno sobre a autorização do seu projeto pelo CEP para o envio do questionário à equipe.
Att, Roberta Meyer Miranda da Veiga
coordenação MASJ

Apêndice B - Contatos através de e-mail com o MN/UFRJ:

museu@mn.ufrj.br – 16 de abr

Olá, tudo bem?

Sou estudante do 8º semestre do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, e estou escrevendo meu trabalho de conclusão de curso sobre a Musealização da Arqueologia em dois Museus brasileiros. Sendo um deles o Museu Nacional do Rio de Janeiro, por salvaguardar objetos arqueológicos.

Eu gostaria de saber se posso enviar um questionário para que a equipe do Museu responda?

Seria de grande ajuda para a pesquisa que estou fazendo.

Obrigada dês de já.

Atenciosamente, Juliana Sabrine Braga Ulguim

Museu Nacional - UFRJ <museu@mn.ufrj.br>
para mim, Mestrado, Rita

Prezada Senhora Juliana,

Estamos encaminhando sua demanda ao setor de Arqueologia.

Data de envio: *15/04/2015 às 16:08:28*

Área de Destino: *Informações*

Nome: *Juliana Sabrine B. Ulguim*
Email: *julianasabrineulguim@gmail.com*

Telefone:

Mensagem: *Olá, tudo bem? Sou estudante do 8º semestre do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas ?UFPel, e estou escrevendo meu trabalho de conclusão de curso sobre a Musealização da Arqueologia em dois Museus brasileiros. Sendo um deles o Museu Nacional do Rio de Janeiro, por salvaguardar objetos arqueológicos. Eu gostaria de saber se posso enviar um questionário para que a equipe do Museu responda? Seria de grande ajuda para a pesquisa que estou fazendo. Obrigada dês de já. Atenciosamente, Juliana Sabrine Braga Ulguim.*

Museu Nacional/UFRJ
Quinta da Boa Vista s/n°, Bairro Imperial de São Cristóvão
Rio de Janeiro - RJ; Brasil, CEP 20940 040
museu@mn.ufrj.br

Museu Nacional - UFRJ museu@mn.ufrj.br – 16 de abr

para mim

Olá,
pode enviar sim, repassarei aos Professores. Se quiser, posso repassar também para a Seção de Museologia.

Claudine Leite
Secretária
PPGArq/MN/UFRJ

Juliana Ulguim julianasabrineulguim@gmail.com – 20 de abr

para Museu

Olá, está em anexo o arquivo do questionário. Seria muito bom para mim ter as duas visões, podes repassar para a Seção de Museologia também?
Obrigado dês de já.

Atenciosamente, Juliana Sabrine B. Ulguim.

Juliana Ulguim julianasabrineulguim@gmail.com – 29 de abr

para Museu

Olá, encaminho novamente o questionário. Houve algumas alterações, porque as informações não estavam claras.

Atenciosamente, Juliana Ulguim.

Juliana Ulguim julianasabrineulguim@gmail.com – 29 de abr

para Museu

Olá, encaminho novamente o questionário. Houve algumas alterações, porque as informações não estavam claras.

Atenciosamente, Juliana Ulguim.

Obs: Desculpe, não enviei o anexo. Agora sim.

Juliana Ulguim julianasabrineulguim@gmail.com – 8 de jun

para Museu

Olá.

Gostaria de saber como vai o andamento dos questionários? O prazo para entregar o tcc esta chegando e preciso reunir todos os dados.
Agradeço desde já.

Att, Juliana Ulguim.

Juliana Ulguim julianasabrineulguim@gmail.com -2 de jun

para Museu

Olá.
Gostaria de saber como vai o andamento dos questionários? O prazo para entregar o tcc esta chegando e preciso reunir todos os dados.
Agradeço desde já.

Att, Juliana Ulguim.

Museu Nacional - UFRJ museu@mn.ufrj.br – 8 de jun

Senhora Juliana,
Este email é para atendimento ao publico. Se a senhora já teve contato com algum setor do Museu, queira se dirigir diretamente ao setor para dar continuidade ao seu assunto. Ou, queira ser mais especifica, para que eu possa fazer a triagem do seu assunto.
sds
Marisa Soares
Museu Nacional/UFRJ
Quinta da Boa Vista s/n°, Bairro Imperial de São Cristóvão
Rio de Janeiro - RJ; Brasil, CEP 20940 040
museu@mn.ufrj.br

Visite nossas exposições

!

Juliana Ulguim **julianasabrineulguim@gmail.com-** **8 de jun**

para Museu

Olá, desculpe. Estou em contato com o setor de arqueologia e o de museologia. Eu mandei dois emails semana passada e como não obtive resposta achei que talvez estivesse com problemas no meu email ou estivesse mandando para o email errado. Atenciosamente, Juliana Ulguim.

Juliana Ulguim **julianasabrineulguim@gmail.com-** **8 de jun**

para Museu

Olá.

Gostaria de saber como vai o andamento dos questionários? O prazo para entregar o tcc esta chegando e preciso reunir todos os dados.
Agradeço desde já.

Att, Juliana Ulguim.

Apêndice C - Roteiro de entrevista

Escolheu-se por fazer perguntas abertas, em que o entrevistador possa falar o que ele achar relevante.

Ficha técnica

Nome:

Data de nascimento:

Cidade de nascimento:

Escolaridade:

Profissão:

Perguntas

1- Fale sobre a sua experiência no Museu Nacional do Rio de Janeiro.
2- Fale sobre a sua experiência no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

Tendo em vista

- As estratégias desenvolvimento que esses Museus têm com o público.

- Como são apresentados os objetos arqueológicos nas exposições.

- Em relação à documentação destes objetos.

Apêndice D - Questionário enviado aos dois Museus – Funcionários

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Bacharelado em Museologia

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA
(Trabalho de Conclusão de Curso - acadêmica Juliana Ulguim)

O objetivo deste levantamento é analisar como museus brasileiros incorporaram a arqueologia ao longo do tempo, como tal aproximação se tornou importante tanto para a Museologia, quanto para a própria arqueologia.
O presente questionário será usado estritamente para fins acadêmicos e a origem das informações é sigilosa. As pessoas que responderem às questões abaixo só serão identificadas se o desejarem. O interesse da pesquisa é conhecer as Instituições.
Autoriza a divulgação de seu nome?
( ) Sim
( ) Não

Se não, favor deixar em branco os números 1, 2 e 3.

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. Cidade:
4. Escolaridade:
5. Profissão:
6. Você trabalha no Museu? Há quanto tempo?
7. Fale sobre sua experiência com o respectivo Museu.
8. Quais são as estratégias de envolvimento do Museu com o público? Qual é a sua opinião a respeito?
9. Como os objetos arqueológicos são apresentados neste Museu? Qual a sua opinião sobre essa apresentação?
10. Existe documentação acerca dos objetos? As informações nela contidas estão disponíveis a todos os públicos? De que forma?